



FICS - FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

AQUINO G. BASTOS FILHO

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA FORTALECER O DISCIPULADO
ATRAVÉS DE PASTORES NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE

Assunção - Paraguai

2021

AQUINO G. BASTOS FILHO

**PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA FORTALECER O DISCIPULADO
ATRAVÉS DE PASTORES NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós - Graduação da FICS - FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlino Iván Morinigo

Assunção - Paraguai

2021

AQUINO G. BASTOS FILHO

**PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA FORTALECER O DISCIPULADO
ATRAVÉS DE PASTORES NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE**

Tese submetida à aprovação da Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Educação.

Tese aprovada em _____ de julho de 2021.

Aprovado () Aprovado com ressalvas () Reprovado ()

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dr. Carlino Ivan Morinigo
Orientador / Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Morel
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Susana Marília Barbosa Galvão
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Ismael Fenner
Director General da FICS / Membro da Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha querida esposa Vanuza Bastos, pelo seu extraordinário apoio, sem o qual
seria impossível concluir com satisfação
meus estudos deste programa doutoral.

As minhas filhas, Maéli e Maressa,
pelo amor e a paciência demonstrados ao longo
destes anos de estudo.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
RECONHECIMENTOS	ix
Capítulo	
I. INTRODUÇÃO	1
Descrição do problema	2
Objetivo do projeto	2
Descrição por capítulos.....	3
Limitações da pesquisa	4
II. REVISÃO TEOLÓGICA SOBRE DISCÍPULO E DISCIPULADO.....	5
Visão do discipulado no Antigo Testamento.....	5
Modelos discipuladores	7
Moisés e Josué.....	7
Ação discipuladora de Moisés.....	8
Elías e Eliseu	10
Ação discipuladora de Elías	10
Características discipuladoras de Eliseu.....	11
Eli e Samuel.....	12
Aprendizado através do trabalho prático	13
O Discipulado no Novo Testamento.....	15
O Modelo discipulador de Cristo.....	16
A Grande Comissão e o <i>Mathetes</i>	17
Modelo discipulador de Paulo	18
Imitar a Cristo.....	19
Ser imitado.....	20
Fazer discípulos	20
Significado do discipulado em Ellen White	21
Conversão envolve discipulado	22
Vida produtiva	23
Discipulado significa refletir o caráter de Cristo	23
Crescimento espiritual e o discipulado.....	24
Discipulado é permanecer estável na verdade.....	24
Discipulado antídoto contra a apostasia	26
O objetivo final do discipulado	27
Discipulado e o preparo para o serviço.....	27

Resumo	28
III. REVISÃO DE LITERATURA SOBRE DISCIPULADO	30
O que é o discipulado?.....	30
A Grande Comissão e o Discipulado.....	33
O pastor e o discipulado	35
Ensino bíblico	37
Relacionamento mútuo	38
Vida exemplar.....	39
Capacitação para o serviço	40
Resumo	43
IV. PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA FORTALECER O DISCIPULADO NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE.....	45
Métodos de coleta de dados	46
Perfil da Associação Central Paranaense.....	46
Resenha histórica.....	46
Perfil dos pastores distritais	48
Perfil dos membros.....	51
Cronograma de atividades	57
Implementação do programa	57
Objetivos específicos do programa.....	57
Organização	58
Promoção	58
Capacitação de pastores.....	59
Fase avaliativa do programa	59
V. IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO.....	60
Fase prévia	60
Fase da implementação.....	62
Primeiro encontro	66
Primeiro seminário: mathetes	67
Segundo seminário: metanoia.....	69
Terceiro seminário: discipulado na comunidade	70
Segundo encontro	72
Primeiro seminário: a agenda 80x20 e o discipulado	72
Segundo seminário: MCI e o discipulado.....	73
Terceiro encontro.....	74
Primeiro seminário: o discipulado e a visão da igreja	74
Segundo seminário: o processo do discipulado	75
Atividades no pequeno grupo de líderes.....	77
Seminário adventista de líderes	77

Fase avaliativa.....	79
Avaliação formativa	79
Avaliação de resultados.....	80
VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	86
Conclusões.....	86
Recomendações	88
Apêndice	
A. Informativo do envolvimento de membros no discipulado geral da ACP e dos 13 distritos envolvidos no programa de capacitação	93
B. Apresentações em powerpoint.....	98
C. Questionário da avaliação.....	117
D. Declaração da realização da capacitação na Associação Central Paranaense	118
E. Folhetos	119
F. Fotos pgg e SAL.....	121
LISTA DE REFERÊNCIAS	122
CURRICULUM VITAE.....	128

LISTA DE TABELAS

1. Pastores distritais por idade 2015 -ACP	48
2. Percentual do envolvimento no discipulado 2015 - ACP	50
3. Perfil profissional que mais influi na ação de capacitar 2015 -ACP pastores distritais	51
4. Gênero membros 2014 – Associação Central Paranaense	52
5. Total membros por idade 2014 - Associação Central Paranaense	53
6. Total membros por estado civil 2014 - Associação Central Paranaense.....	53
7. Total membros por grau de escolaridade 2014 -ACP	54
8. Total membros religião prévia 2014 -ACP	55
9. Total membros modo de conversão 2014 -ACP	56
10. Cronograma de atividades.....	57
11. Avaliação da apresentação do seminário	80
12. Avaliação do conteúdo.....	81
13. Avaliação do horário.....	82
14. Avaliação da atenção recebida	83
15. Avaliação do caráter prático do seminário.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS

ACMS – Adventist Church Management System

ACP – Associação Central Paranaense

ARC – Almeida Revista e Corrigida

EGW – Ellen Gold White

PGP – Pequeno Grupo de Pastores

PGL – Pequeno Grupo de Líderes

SAL – Seminário Adventista de Líderes

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Esta tese se apresenta sob o título: Programa de Capacitação para Fortalecer o Discipulado através de Pastores na Associação Central Paranaense. Seu propósito foi ajudar o pastor a desenvolver uma melhor compreensão acerca de como investir mais tempo em atividade prioritária, estabelecendo um processo de discipulado na igreja local.

Através dos relatórios da secretaria da igreja e Escola Sabatina, foram verificados os índices de envolvimento dos membros na missão, sendo que foi possível perceber a necessidade de ser estabelecido um programa, que envolvesse o pastor como discipulador, a fim de obter melhores resultados na formação de novos líderes, através do discipulado e compartilhamento de tarefas. Pois, como afirma Schwarz (2010), “líderes que se veem como instrumentos para capacitar outros cristãos e levá-los à maturidade espiritual, descobrem como esse aspecto leva por si mesmo ao crescimento” (p. 23).

Neste capítulo, serão apresentados a descrição do problema, o objetivo pelo qual foi direcionado o programa, as limitações da pesquisa, como serão descritos os capítulos e, por último, a descrição do processo em que foi executado o projeto.

Descrição do problema

Apesar de se verificar um aumento significativo na membresia da igreja da Associação Central Paranaense, de acordo com o relatório oficial da secretaria, ACMS, comprovou-se que o envolvimento dos membros no processo de discipulado era baixo. Havia muitos batismos, mas os que eram batizados, permaneciam inativos quanto à participação efetiva no uso de seus dons e talentos no ministério evangélico. Isso pode ser demonstrado, através da comparação com o relatório da Escola Sabatina, nos três primeiros trimestres de 2015, no qual mostrou-se que dos 26.076 membros ativos, apenas 1.091 se envolviam semanalmente no processo de fazer novos discípulos, uma média de 4,1%. Os números revelaram que se fazia necessário um programa para o fortalecimento do discipulado, através do qual os pastores fossem os principais agentes de capacitação e transformação da realidade em seus distritos pastorais.

Objetivo do projeto

O objetivo deste projeto foi preparar e implementar um programa de capacitação para fortalecer o discipulado, através de pastores, na Associação Central Paranaense. Esse projeto buscou estudar, primeiramente, o tema sob uma ótica bíblica, profética e contemporânea, para identificar e solucionar os principais elementos que fragilizavam o processo do discipulado, assim como contribuir para o fortalecimento do mesmo; dar sugestões práticas que pudessem servir de apoio ao ministério discipulador do pastor. E, sobretudo, mostrar a importância de ações discipuladoras na igreja local, para que houvesse um crescimento quantitativo e qualitativo no alcance de novos conversos.

Descrição por capítulos

Esta pesquisa foi organizada em seis capítulos: o primeiro capítulo é a introdução. A introdução contém: a descrição do problema que se investigou, o objetivo do projeto da pesquisa, a descrição por capítulos e as limitações do trabalho de pesquisa.

O capítulo dois abarcou a reflexão teológica sobre discípulo e discipulado na Bíblia, analisando primeiramente os textos do Antigo e Novo Testamento, com abordagem de modelos discipuladores apresentados em ambos testamentos. A última parte apresentou nos escritos de Ellen G. White o tema do discipulado.

No capítulo três, analisou-se o discipulado na literatura contemporânea, uma consulta bibliográfica que incluiu livros e artigos de diversos autores, relacionados ao tema do discipulado; em seguida, o discipulado foi visto no contexto da Grande Comissão e o papel do pastor como um agente discipulador.

O quarto capítulo apresentou a maneira como foi desenvolvido o programa de capacitação na Associação Central Paranaense - ACP, apresentando o perfil da ACP, a descrição da capacitação e sua natureza, assim como os passos prévios, a captação dos participantes, a forma como se deu a implementação e avaliação do programa.

O capítulo cinco discorreu sobre as ações feitas nas três fases do projeto: a fase prévia, a fase de desenvolvimento e a fase avaliativa.

O capítulo seis contém a síntese do programa apresentado, as conclusões e recomendações do projeto de pesquisa. E, finalizando, o apêndice e a lista das referências consultadas para a realização da pesquisa.

Limitações da pesquisa

A limitação deste projeto advém da realização de um programa de capacitação para o fortalecimento do discipulado, através de 13 pastores na cidade de Curitiba, pertencentes à Associação Central Paranaense, na região central do Estado do Paraná, cujas informações foram baseadas nos relatórios da secretaria da Associação e no relatório trimestral da Escola Sabatina, que apresentam trimestralmente os índices informativos de crescimento nas distintas frentes missionárias da igreja. Esses relatórios podem ser visualizados no apêndice A.

CAPÍTULO II

REVISÃO TEOLÓGICA SOBRE DISCÍPULO E DISCIPULADO

Cristo deu aos seus discípulos orientação prática - fazer discípulos de todas as nações, esta é a Grande Comissão (Mt. 28:19-21). De igual maneira, no mesmo dia de sua partida, Ele também ordenou que fossem suas testemunhas, começando na própria comunidade e estendendo suas atividades até aos confins da terra (At. 1:8).

Este capítulo explora os fundamentos teológicos para fortalecer os pastores sobre o tema do discipulado, fazendo uma análise descritiva dos princípios discorridos na Bíblia. Primeiramente, se levará em conta as referências que o Antigo Testamento apresenta sobre discípulo e o discipulado, apesar deste não ser tão explícito quanto no Novo Testamento. Como veremos, em seguida, o mesmo assunto será abordado desde a perspectiva do Novo Testamento e, por último, serão analisados os comentários mais relevantes sobre o que Ellen G. White escreve a respeito do discipulado.

Visão do discipulado no Antigo Testamento

Embora não se encontre o termo discípulo no Antigo Testamento, é possível visualizar os princípios do discipulado, através de palavras e situações relacionais que comprovam a existência deste nos tempos dos patriarcas e profetas bíblicos. De acordo com Reis (2012), as palavras-chave que são usadas no Antigo Testamento são *lamad* e

halak. *Lamad* é encontrada em 1 Crônicas 25:8, onde aparecem as palavras mestres e discípulos: “Então tiraram sortes entre jovens e velhos, mestres e discípulos para designar-lhes suas responsabilidades”. *Lamad* significa “aprender”, “acostumar-se”, “dirigir” ou “mostrar direção”. Dela se deriva a palavra *talmid* que significa “aluno” e *talmude* (estudo). A forma de fazer discípulo em toda a cultura bíblica é através do ensino relacional e interativo, como visto em Deuteronômio 4:1 e 5:1 e depois é mencionada no Novo Testamento com o mesmo significado em Mateus 28:19,20.

A outra palavra, *halak*, é encontrada em 1 Reis 19:20, e significa “seguir”. “Eliseu deixou os bois e correu atrás de Elias. Deixa-me dar um beijo de despedida em meu pai e minha mãe, disse, e então te seguirei”. Para Fontana (2009), as duas palavras se complementam e, posteriormente, *halak* é usada por sua correspondente, no grego, no Novo Testamento, o termo *akolouthéo*. Jesus usou várias vezes esta mesma expressão (Mt. 4:18-22; Mc. 1:14-20; Lc. 5:1-11) ao chamar pessoas para segui-lo como alunos e aprendizes dispostos a continuar o trabalho de seu mestre, seguidores de um ideal. Assim, a relação social figurada entre mestre-discípulo ocorre nos relatos do Antigo Testamento e proporciona uma base para a compreensão do discipulado na Bíblia.

Ainda na visão do Velho Testamento aparece uma grande quantidade de textos nos quais se pode observar um reflexo do que seria um relacionamento entre um discípulo e seu discipulador (Êx. 18:1-9; 24:13; 32:17; 32:11; 1 Rs. 19:19; 2 Rs. 2:1-13; 1 Sm. 1:27,28). Neste capítulo, veremos alguns exemplos de discipulado denominados de Modelos Discipuladores.

Modelos discipuladores

Os exemplos relacionais entre Moisés e Josué, Eli e Samuel, Elias e Eliseu demonstram de forma indireta o processo de discipulado. Ademais, pode ser visto também o desenvolvimento de uma formação sucessora, aperfeiçoamento de habilidades por meio de um sistema relacional e o ensino através do trabalho prático, como no caso de Eli e Samuel.

Nos escritos do Antigo Testamento, estes modelos de relacionamento, como mencionados acima, trazem elementos que constituem o modelo do discipulado de uma forma mais compreensiva no Novo Testamento.

Moisés e Josué

Entre os diferentes personagens da história do povo hebreu, pelo relacionamento, também se destacam Moisés e Josué. As Escrituras não mencionam a razão pela qual Moisés decidiu ter Josué como seu ajudador, porém, quando este aparece na história, já o vemos como assistente do grande líder (Êx. 24:13). Hull (2006) diz que o primeiro relacionamento de mentoreio na história de Israel foi o de Moisés e Josué e nesse relacionamento se manifestam as características de que os seres humanos necessitam para crescer e se desenvolver.

De um lado estava Moisés, homem de Deus, legislador, líder de um povo, com cerca de três milhões de pessoas, pelo deserto por 40 anos. Do outro, estava Josué, um estrategista, militar, posteriormente tornando-se um general que ajudou o povo hebreu a conquistar toda a terra prometida.

Ação discipuladora de Moisés

De uma certa maneira, Moisés é discipulado por Deus num processo longo de quarenta anos no deserto. Seu chamado para ser o líder da libertação do povo hebreu do Egito acontece de maneira singular e sobrenatural no Horebe, chamada a Montanha de Deus. A visão que Moisés teve de Deus, conhecida como teofania, é o ponto de partida de tudo o que aconteceu com ele desde o seu chamado, o Êxodo, a peregrinação pelo deserto até a transmissão da liderança para o seu sucessor, Josué (Dybdahl, 1994).

O processo de transmissão de liderança de Moisés para Josué envolveu algumas características fundamentais na preparação de um líder (Bittencourt 2013), descritas a seguir:

Em primeiro lugar, a característica baseada no serviço (Êx. 24:13; 17:9). Josué era servo de Moisés, isso significava uma disposição para servir, escutar, estar próximo de alguém para aprender. O processo de ensino-aprendizagem era informal (Dt. 6:4-10). O servo se submete ao seu Senhor e se disponibiliza a aprender. A confiança em alguém é desenvolvida pelo conhecimento que se tem das virtudes e da capacidade de realizar a tarefa solicitada. No caso de Moisés para com Josué ele confiava plenamente no discípulo a ponto de lhe entregar a liderança de uma importante batalha contra os amalequitas (Rudman, 2013);

Em segundo lugar, a característica de aprender nas Escrituras Sagradas (Êx. 17:14; 32:17). A leitura como um processo de busca de conhecimento e desenvolvimento mental era a base para o crescimento da fé e maturidade espiritual. A correção fazia parte da formação do discípulo. Moisés corrigiu a Josué para que ele não viesse a se desviar da

Torah e cometesse erros que comprometessem a fidelidade da nação a Jeová. Como vimos, a base para a correção ou repreensão era a Lei;

Em terceiro lugar, a característica baseada na influência pessoal (Êx. 24:13; 33:11). A influência de Moisés na vida de Josué, foi resultante de um relacionamento transparente, o qual foi essencial para moldar a personalidade de Josué, preparando-o para lidar com desafios como futuro líder. Josué acompanhava Moisés em todos os momentos e quando ele entrava na tenda para falar com Deus, Josué esperava do lado de fora, mas sempre perto o suficiente para não perder as informações e poder extrair o máximo do conhecimento de seu líder;

Em quarto lugar, a característica de lealdade no cumprimento da missão (Nm.13:16). Josué foi fiel a Moisés no cumprimento da missão, principalmente no episódio em espiar a terra prometida junto a Calebe, cuja participação foi fundamental porque isso produziu, no meio do povo, otimismo e disposição para a conquista de Canaã.

Dentro desse modelo, pode-se notar a participação efetiva de duas pessoas que se dispuseram a interagir. Claro que a figura de Calebe também tem sua importância, porém, os dois personagens aqui destacados são Moisés, o discipulador, que influencia a propósito, investe no discípulo para torná-lo seu sucessor e Josué, o discípulo, que é ensinável, tem atitude sensível para aprender, alguém que arrebatava para si tudo o que está a sua disposição e usa para o seu crescimento. Cabral (2009) diz que existe um paralelo de tempo similar de preparo entre Moisés e Josué. Enquanto Moisés é moldado por Deus no deserto de Midiã por quarenta anos, Josué foi um líder moldado por Moisés ao longo da peregrinação de Israel também por quarenta anos, na qual suas qualidades foram forjadas e aprimoradas.

A despeito de ambos terem sido escolhidos por Deus, eles foram primeiramente treinados para o cumprimento da missão. Todo líder chamado por Deus necessita ser treinado e capacitado, a exemplo dos próprios discípulos que foram treinados pessoalmente por Jesus e este processo envolve principalmente qualidade e quantidade de tempo.

Elias e Eliseu

No relato Bíblico de 1 Reis 19 é descrito o relacionamento de Mestre e discípulo entre Elias e Eliseu, e começa como uma ordem “vai e vem”. Moore (2012) diz que Elias recebeu a ordem divina para ungir Eliseu e mais dois reis para duas importantes nações, porém Elias ungiu Eliseu e depois os dois reis foram ungidos pelas mãos de Eliseu. Eles trabalhavam em afinada sincronia que funcionava como uma unidade.

Ação discipuladora de Elias

Elias, cujo nome significa “Jeová é Deus”, foi chamado por Deus para o ministério profético em um dos piores períodos da história de Israel. Período este marcado por crise, fome e miséria, corrupção e apostasia. Mas em meio à crise moral, social e espiritual, Deus pôde contar com Elias para ser seu porta-voz.

Após a fuga de Elias para Horebe e de seu esconderijo numa caverna, o Senhor o tira para cumprir sua missão específica: ungir reis e estabelecer profetas. Sua primeira responsabilidade foi localizar Eliseu, atirar o manto profético de autoridade sobre ele e inscrevê-lo no discipulado prático (Chaves, 2010). O texto bíblico em evidência diz assim: “Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com

doze juntas de bois adiante dele; ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou o seu manto sobre ele” (1 Rs. 19:19).

Apesar da demanda de seu ofício profético, Mindel (2014) assegura que Elias prepara seu sucessor deixando uma contribuição no discipulado, que se torna um padrão de transferência de liderança sem perdas para o povo de Israel, como sugere em seguida. Primeiro, gera um discípulo pelo mandato divino (1Rs. 19:16). Segundo, vai em busca do discípulo para trabalhar com ele (1Rs. 19:19). Terceiro, apresenta um ministério ao discípulo (1Rs. 19:19b). E quarto, torna claro o que espera do discípulo (1Rs. 19:20).

O impacto do ministério de Elias foi tão forte sobre Eliseu, que este deixou seu trabalho e família e o seguiu como seu discípulo fiel. Tal atitude evoca o que posteriormente seria o padrão para a efetivação do discipulado. Primeiro o chamado, depois o ensino e finalmente a sucessão.

Características discipuladoras de Eliseu

O processo de discipulado de Eliseu ocorre rápido. Ele já aparece realizando dois milagres e atuando como profeta, isso ocorre como fruto do seu relacionamento com o seu discipulador ao longo do seu chamado. Chaves (2010) diz que Eliseu desde o momento que foi chamado por Elias levou “oito anos, pelo menos antes de receber o manto como herdeiro” (p.80).

O mesmo autor discorre sobre a pronta disposição de Eliseu em submeter-se à autoridade de Elias, em três passos: primeiro, ele obedece e se submete ao mandato de Elias (1Rs. 19:20). Segundo, entende o novo nível ao qual é chamado para andar (1Rs. 19:20b). Terceiro, deixa tudo para seguir o seu mestre (1Rs. 19:21).

As qualidades de Eliseu cumpriam as características buscadas em alguém que poderia ser discipulado. Uma delas era a disposição em servir. Eliseu pode ser considerado um dos profetas de mãos calejadas dentre os quais estão Isaias, Ezequiel, Amós, Paulo, Jesus. Ele, quando foi chamado, estava ocupado e exercendo atividades que lhe exigiam esforço e dedicação (Alves, 2007).

O processo do discipulado ocorrido na vida de Elias e Eliseu ocorreu dentro de um misto de dependência de Deus, obediência, relacionamento saudável e cumprimento da missão. O discípulo não pertence ao seu discipulador, mas a Deus. Embora a formação e desenvolvimento do indivíduo passe pelas mãos humanas, a missão é divina.

Eli e Samuel

No modelo discipulador de Eli e Samuel observa-se uma diferença em relação aos dois modelos anteriores. Não existe uma intencionalidade para a formação de um sucessor, também não há necessidade visível de se ter um servo para Eli, apesar de haver uma grande demanda de serviço no santuário.

Samuel vem ao santuário com uma idade muito precoce para o profetismo. Sua vinda ocorre como o pagamento de um voto feito por sua mãe a Deus (1Sm. 1:27,28). Desta forma, o menino passa a realizar atividades no santuário como uma exceção à regra, já que os levitas não entravam para o serviço no santuário antes dos vinte e cinco anos (White, 2012). Sendo assim, ele começa uma espécie de aperfeiçoamento e desenvolvimento do ofício profético sob a tutela do sacerdote Eli.

Aprendizado através do trabalho prático

Ser discípulo ou aprendiz era uma tarefa árdua porque exigia disposição em aprender, obediência e espírito voluntarioso para servir. Kivitz (2012), ao escrever sobre discipulado no Antigo Testamento, menciona os *Talmidim* - pequenos aprendizes. Estes, deveriam andar tão perto de seus Mestres que os antigos rabinos usavam um ditado para estes meninos: “Cubram-se com a poeira dos pés de seu rabino” significando que o discípulo precisava observar atentamente, ouvir com atenção tudo o que o mestre dizia, não deveria perder nenhum detalhe da vida de seu mestre porque o rabino era o modelo de homem que o discípulo estava buscando ser.

Com base nessas informações, é possível notar por que Samuel dormia em um aposento tão próximo ao de Eli, dando a impressão de que o garoto atuava como uma espécie de servo do sacerdote, para ajudá-lo em suas tarefas dentro do tabernáculo e, possivelmente, como um secretário pessoal, dada a dificuldade de visão de Eli (1Sm. 3:2).

Dentre as distintas tarefas do santuário, existiam aquelas que demandavam compromisso diário, tais como: serviços litúrgicos, limpeza, vestuário, cozinha, guarda, etc. Cada ajudante tinha sua tarefa definida e, através de cada ação realizada, havia um aprendizado. Samuel, mesmo sendo uma criança, estava incluído nos trabalhos do santuário junto com os levitas adultos e a cada ano lhe eram confiados encargos de maior importância. As tarefas servis realizadas por Samuel no santuário lhe proporcionaram a visão de que cada trabalho desempenhado era o trabalho de Deus (White, 2012).

É possível visualizar uma atitude da influência discipuladora de Eli para com Samuel, no momento em que Deus o chama pelo nome e, por três vezes, o menino busca o sacerdote pensando que este o chamava. Estas atitudes eram próprias de um servo para

com seu senhor, como já vimos nos comentários anteriores. Tudo indica, pela narrativa bíblica, que o aposento de Samuel estava localizado próximo ao de Eli. O sacerdote o instruiu quanto ao que o menino deveria responder quando Deus o chamasse outra vez. Na época da visão, Samuel estava com doze anos de idade e atuava como secretário de Eli, sendo educado juntamente com os outros no Tabernáculo (Davidson, 1997).

As responsabilidades diárias de trabalho presentes no modelo entre Eli e Samuel não eram intencionais com o propósito de ser preparado um sucessor, no entanto, foram determinantes para que o jovem aprendiz adquirisse respeito pela liturgia, pelos móveis, pelos sacrifícios oferecidos e pelos lugares do Tabernáculo; dando-lhe assim conhecimento, discernimento para o ofício santuário. Estas atitudes não eram encontradas na vida dos filhos de Eli, que eram os futuros sucessores naturais do sacerdócio levítico na época dos juízes.

A Bíblia diz que “Samuel ministrava perante o Senhor, sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho. Mas o jovem Samuel crescia em estatura e no favor do Senhor e dos homens” (1Sm.2:18, 26).

Enquanto os filhos de Eli pecavam desconsiderando as orientações divinas, Samuel crescia no templo servindo ao Senhor e preparando-se para um dia assumir a liderança sacerdotal da nação hebreia, uma vez que ele mesmo era de ascendência levita.

Os modelos discipuladores apresentados no Antigo Testamento são um vislumbre da preparação de líderes em Israel, visto no âmbito da liderança entre Moisés e Josué, como no ofício profético e sacerdotal em Elias e Eliseu e Eli e Samuel. Vale ressaltar que havia uma espécie de ingenuidade por parte do discípulo, quanto à sucessão de suas futuras responsabilidades.

O discipulado no Novo Testamento

A origem do discipulado não é cristã. Os gregos, por exemplo, tinham uma longa experiência no tema de mestres e discípulos (Igreja Bíblica do Brasil, 2014). Hull (2006) também confirma que o discipulado é pré-cristão. Outras culturas como a greco-romana e o mundo semítico já usavam a prática de treinar aprendizes nas necessidades humanas tal como agora conhecemos no discipulado.

O discipulado também foi implementado como estilo de vida no primeiro século, principalmente pelo Judaísmo, incluindo os Saduceus e os Fariseus com seus Rabinos e pupilos. No entanto, não houve outro grupo filosófico ou religioso nos primeiros séculos desta era que haja implementado o discipulado como estilo de vida tal como fez o cristianismo na maioria de seus seguidores durante os tempos do antigo império romano. Apesar de não haver um consenso em relação ao início da igreja cristã, os estudiosos se dividem entre a possibilidade que ela foi fundada por Jesus, por Paulo ou pelos discípulos após o Pentecoste, sendo a última opção a ter maior suporte (Igreja Bíblica do Brasil, 2014).

As duas palavras mais comuns que definem o discípulo no Novo Testamento, conforme Melbourne (2007), são *mathetes* e *akolouthein*. A primeira significa “discípulo”, “aprendiz” ou “aderente”. Isso descreve uma pessoa cuja mente está ajustada para um propósito. O uso dela no Novo Testamento está relacionado mais aos discípulos de Jesus. A segunda palavra, *akolouthein*, significa “seguir após”, “acompanhar” e “ir junto com”; tanto no uso secular quanto no Novo Testamento o seu uso implica em “seguir alguém como um discípulo”.

Assim, no chamado que Jesus faz a seus discípulos estas palavras se complementam e proporcionam a base para a compreensão da obra de um verdadeiro discípulo de Cristo, tanto no contexto de segui-lo como no de fazer outros discípulos para ele.

O modelo discipulador de Cristo

O chamado que Jesus fez aos doze discípulos, que gradualmente se reuniram ao seu redor, marca uma importante referência na história do evangelho. Bruce (2012) diz que tal ato divide a obra de Jesus em duas partes. Inicialmente, ele trabalha sozinho realizando suas obras milagrosas dentro de uma área limitada; seu ensino era de caráter elementar. Após escolher os doze, a obra do reino assumiu dimensões que requeriam organização e divisão de trabalho.

O evangelista Marcos, descreve o chamado dos doze usando palavras singulares: “Jesus subiu a um monte e chamou a si aqueles que ele quis, os quais vieram para junto dele. Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar” (Mc. 3:13). No contexto do Novo Testamento, conforme Ferreira (2011), o chamado para ser discípulo de Jesus tem a ver também com um relacionamento de intimidade com ele; os discípulos deveriam estar perto dele, segui-lo para aprender algo. O princípio do chamado não era apenas para segui-lo, fazer amizade e estar ao seu lado, mas o de fazer algo. Na narrativa de Marcos, os doze deveriam ser ensinados, capacitados e enviados posteriormente para propagar a fé, depois que Jesus deixasse a terra. Primeiro Cristo age só, operando obras miraculosas, depois com o aumento dos seguidores, ele necessitou chamar alguns homens para serem discipulados por ele, a fim de realizarem a expansão de seu reino após Sua ascensão. Falando sobre esta segunda parte, Bruce (2012)

complementa que o treinamento desses homens deveria ser uma obra constante e proeminente da obra pessoal de Cristo. Fica implícito, neste contexto, que o discipulado sempre visa o preparo de pessoas para cumprirem uma tarefa especial, no caso dos discípulos de Jesus e, por extensão, os membros da igreja na atualidade.

A Grande Comissão e o *Mathetes*

O modelo de discipulado estabelecido por Cristo tem a ver com os princípios gerais de chamado, relacionamento, treinamento e disposição em ir. No contexto da Grande Comissão, o ato de ir e fazer discípulos (*mathetai*) é o coração do grande mandato. Bueno (2015) diz que alguém era chamado de *mathetes* quando se vinculava a outra pessoa a fim de adquirir conhecimento prático e teórico. A ideia de ir e fazer *mathetes* é a de transmitir uma mensagem a um receptor que esteja inclinado a aprender e permanecer com ele, até o ponto em que esteja preparado para repassar o conhecimento adquirido a outra pessoa.

Foi por isso que Jesus, quando estava por ser assunto aos céus, reúne os seus discípulos e lhes entrega a carta magna da igreja cristã, que é a razão de sua existência, dizendo assim: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei com vocês, até o fim dos tempos” (Mt.28:18-20, NVI).

Na declaração acima, percebe-se uma ênfase na palavra “todo” Burrill (2006), escrevendo sobre o assunto, destaca cinco “todos” encontrados no texto: “Toda autoridade”, “todas as nações”, “em nome [de toda a Trindade]”, “todas as coisas que vos tenho ordenado”, “estou convosco todos os dias”. O mesmo autor conclui que é o

impressionante alcance desses “todos” que deu o merecido nome de “grande” a essa comissão.

A expressão “todos” apresentada por Jesus é o seu compromisso de estar presente na ação de fazer discípulos. A promessa é dada para aqueles que forem às nações, na missão de trabalhar por outros que ainda não conhecem o reino de Cristo no intuito de fazê-los discípulos dele.

A ideia de afirmar que a grande comissão e o discipulado estão relacionados parece ser correta. A ação é cíclica porque aquele que é feito discípulo torna-se um discipulador à medida que este cumpre com o mandato de Cristo. Parece não ser correto conjecturar a ideia de existência de cristão ou cristianismo sem discipulado (Bonhoeffer, 2016). Compreender o processo do discipulado é fundamental para o cumprimento da Grande Comissão.

Modelo discipulador de Paulo

O encontro de Saulo de Tarso com Jesus, na estrada de Damasco, mudou sua vida para sempre. A mentalidade judaica nacionalista de Saulo, alicerçada na letra da lei, dá lugar ao evangelho do Cristo, quem antes ele perseguia, tornando-se um dos mais célebres protagonistas da seita outrora odiada. Os discípulos de Jesus tiveram a oportunidade de serem discipulados pelo mestre fundador do modelo neotestamentário de discipulado. No caso de Paulo, ele primeiramente é discípulo de Barnabé (At. 11:25) e o acompanha em diversas viagens missionárias. Após se tornar um cristão maduro na fé e separar-se de Barnabé, Paulo passa também a discipular a outros e isso começa quando ele convida Silas para lhe acompanhar nas viagens missionárias e nas visitas aos novos convertidos (Boldeau, 2014).

O modelo discipulador de Paulo tem semelhança com a forma com a qual ele foi discipulado por Barnabé e revela seu modelo discipulador com as seguintes palavras: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Co. 11:1). Paulo, com esta afirmação, não oculta sua vida cristã. Ele segue a Cristo e deseja que os cristãos façam o mesmo. Ele insta em dizer que não se pode ensinar sem viver o que se ensina. Assim sendo, o discipulado Paulino pode ser compreendido através de três princípios muito simples: imitar a Cristo, ser imitado e fazer discípulos, não para si, mas para Cristo.

Imitar a Cristo

O discipulado em Paulo é tornar-se semelhante a Cristo pelo processo de imitação (1Co. 11:1). A preocupação do apóstolo era que os cristãos poderiam estar sendo observados por outros e, desta forma, sendo exemplo de vida para outros. O cristão verdadeiro apresenta e representa Jesus diante das pessoas com quem ele interage. A vida de Paulo teria que ser uma boa exegese da de Cristo. As palavras de Paulo teriam que ser uma boa hermenêutica das de Jesus. Paulo imitou a Cristo porque recebeu dele o evangelho – Cristo viveu, morreu por uma causa que não se pode negar sua eficácia para a salvação do mundo – o discípulo deve fazer o mesmo (Burrill, 2006). A razão da exigência de Paulo para imitar o Professor Jesus era porque todo verdadeiro discipulado se deriva dele. Se o discípulo não pode fazer isso, deve examinar o próprio coração a fim de viver conforme o modelo que é Cristo.

Ser imitado

O discipulado em Paulo apresenta um convite simples para imitá-lo, gerando imitadores verdadeiros, não caricaturas de Jesus. Isso por uma razão muito simples, Paulo

era discípulo de Jesus. Paulo não era um discipulador, sem ser, antes, um discípulo. O caráter dele foi moldado quando recebeu de Jesus a Palavra da reconciliação (Andrews, 2010). Paulo era em Cristo, original. A autoridade de Paulo para este convite não repousava em si mesmo, mas naquilo que disse: “Como também eu sou de Cristo”. Burrill (2006) diz que a tendência dos cristãos modernos é dizer ao novo converso que ele deve olhar para Jesus e não para os outros. Por outro lado, é correto afirmar, as pessoas querem ver nos discípulos de Jesus algo que se pareça com ele.

O comentário de Burrill acima está relacionado com a própria declaração de Cristo na qual ele afirma: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo. 13:34, 35).

Jesus é o modelo perfeito, todos devem seguir seu exemplo, mas as pessoas querem vê-lo através de seus seguidores.

Fazer discípulos

Discipulado é fazer discípulos, não para si mesmo, mas para Cristo. O discipulado em Paulo, gera discípulos para Jesus. Paulo era de Cristo e, no processo de transmissão de vida, levava as pessoas a serem de Cristo. Paulo não fazia prosélitos, seguidores de homens. Paulo fazia discípulos, seguidores de Jesus. O discipulado em Paulo apontava para Cristo, tendo como representação a própria vida e de tanto imitar a Cristo o discípulo passava a ser igual a ele (Augsburger, 2006). A glória do discipulado em Paulo não era gerar pequenos Paulos, mas pequenos cristos. A prática do discipulado de Paulo tem como promessa a presença de Cristo em todo o processo.

Como visto em parágrafos anteriores, acerca do discipulado cristão Suárez (2013) afirma que é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros.

O discipulado no Novo Testamento não era uma opção, senão um estilo de vida; uma cultura que afetava a totalidade do ser de todos os crentes. A vida e a atividade da igreja se fundamentavam no discipulado. Este novo paradigma religioso surgiu sigilosamente com determinação à conquista do mundo para Cristo.

Significado do discipulado em Ellen White

Ellen White foi cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ferreira (2011) afirma que ela era uma pessoa de notáveis talentos espirituais, que viveu a maior parte de sua vida durante o século XIX (1827-1915) e que seus escritos têm alto prestígio entre os adventistas do sétimo dia exercendo extraordinário impacto sobre milhões de pessoas ao redor do mundo. Ela escreveu muitos conselhos para a igreja sobre variados temas e, dentro destes, podemos encontrar acerca do discipulado. Nesta seção, porém, será estudado o significado do discipulado e sua relevância nos aspectos que envolvem a conversão, a comunhão e a evangelização no contexto da Grande Comissão.

Para White (2014), “todo verdadeiro discípulo nasce para o reino de Deus como um missionário. Aquele que bebe da água viva, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador [...] Deus espera serviço pessoal da parte de todo aquele a quem confiou o conhecimento da verdade para este tempo” (p.9). Percebe-se aqui que o discipulado está intimamente relacionado com a obra da evangelização, pois o chamado para ser discípulo de Jesus tem a ver com o serviço da proclamação e que fazer novos discípulos é o chamado

mais elevado que possa existir. Na seguinte declaração, White (2005) reitera esta visão quando diz: “Deus toma homens tais quais são com os elementos humanos de seu caráter e os prepara para o seu serviço caso queiram ser disciplinados e dele aprender” (p.294).

Conversão envolve discipulado

Segundo a escritora, as pessoas realmente convertidas se tornam participantes da obra de Cristo. No contexto das citações de seus escritos, a respeito da conversão e o discipulado, o discípulo é aquele indivíduo que recebeu o evangelho de Cristo, foi batizado, é ensinado em todas as coisas concernentes ao Reino e então passa a compartilhar com os outros o que aprendeu sobre Jesus. Numa linguagem mais direta, o discipulado requer o envolver-se na obra de Cristo, isto é, alcançar pessoas e levá-las ao conhecimento da verdade; o que significa ter um estilo de vida e compartilhar com outros de maneira natural o que aprendeu.

No tocante ao serviço de Cristo, a pessoa que se converte entra para o discipulado de Cristo e direciona pessoas para ele, essa é uma demonstração de que a pessoa está comprometida com Jesus. White (2012a) assegura que “o primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador” (p.70). A verdadeira conversão, conforme o texto citado, está intimamente associada ao desejo de buscar outros e conduzi-los aos pés de Jesus. Nesta visão, o discipulador tem a missão de fazer novos discípulos para Cristo. A centralidade do processo do discipulado é Jesus. Aqueles convertidos sentem-se impelidos a cumprirem com a missão dada pelo Mestre.

Vida produtiva

A vida do novo convertido deve ser vivida dentro de uma realidade de serviço em favor do semelhante. Não existe pessoa convertida que viva ociosamente. Todo discípulo de Jesus vive uma vida produtiva. White (2013) declara que “não há pessoa verdadeiramente convertida que viva vida inútil e ociosa” (p.280). Essa tarefa não é de caráter opcional; testemunhar é uma exigência pessoal. A evidência de que alguém está verdadeiramente convertido tem a ver com o testemunho pessoal, se porventura isso não acontece na vida do discípulo, sua experiência cristã precisa ser amadurecida.

Discipulado significa refletir o caráter de Cristo

Após a queda do homem, a consequência do pecado desfigurou do ser humano o caráter de seu Criador. Um dos benefícios do sacrifício de Cristo é restaurar esse caráter no homem, a medida que ele se aproxima outra vez da fonte da vida. Quando o pecador aceita o evangelho e se rende em obediência ao senhorio do Mestre, o caráter de Deus passa a ser refletido na vida do discípulo que se envolve na missão. De acordo com o que White (2005) comenta, “Deus poderia haver realizado seu desígnio de salvar pecadores sem o nosso auxílio; mas a fim de desenvolvermos um caráter semelhante ao de Cristo, é-nos preciso partilhar de sua obra” (p.142). Como apresentado anteriormente, a verdadeira conversão produz o discipulado que, por sua vez, requer testemunho pessoal. Falar de Jesus a outras pessoas é a marca que distingue o discípulo de Cristo. Quando o discípulo se envolve na obra do Mestre, ele passa a refletir o caráter de Jesus. Se o discípulo não participa da Grande Comissão é impossível alcançar este ideal.

Crescimento espiritual e o discipulado

O crescimento é uma lei natural que envolve todo o ser vivo. Na vida do discípulo de Cristo, o crescimento envolve participação ativa na obra de Cristo que o levará à maturidade espiritual. Crescer é um dos requisitos para o autêntico discipulado. Sem crescimento, a tendência do discípulo é o declínio e morte. Existe uma maneira delineada para um saudável crescimento na experiência cristã e o único meio para crescer na graça é o discípulo achar-se interessado em fazer exatamente a obra que Cristo pediu que o discípulo realizasse (White, 2014).

O ideal de todo discípulo é a maturidade cristã. Ter a semelhança com Cristo. Fazer tudo o que ele fez, imitando seu exemplo na prática de salvar pessoas como o cumprimento do grande mandamento de ir e fazer novos discípulos. Não basta nascer como discípulo, é preciso crescer e alcançar a maturidade no discipulado cristão. A ênfase dada na frase “o único meio de crescer em graça”, assegura que não haverá crescimento caso o discípulo deixe de conquistar, através de sua influência, pessoas para o Reino de Cristo. A consequência de um ser vivo não crescer é ficar estagnado e atrofiado. No contexto da Grande Comissão, fazer discípulos é mandamento para o seguidor de Cristo, se deixar de cumprir esta ordem, White (2014) diz que os pretensos discípulos “são anões religiosos” (p.89).

Em suma, o crescimento na experiência com Cristo ocorre à medida que o discípulo realiza a evangelização através do uso de seus dons e talentos.

Discipulado é permanecer estável na verdade

No processo de crescimento, um ponto que precisa ser observado é crescer em força e vigor. O discipulado cristão é mais que cumprir uma série de requisitos, tem a ver

com a mudança do estilo de vida e um compromisso com a pregação do evangelho. O envolvimento na evangelização não se resume em simplesmente aumentar o número de fiéis, mas o próprio fortalecimento do discípulo.

Na igreja, lugar onde os discípulos se desenvolvem e são fortalecidos, deve haver uma obra bem organizada em treinar os membros para que saibam como transmitir a mensagem aos outros e assim fortalecer a própria fé. Ao fazerem isso, serão firmados na fé. Uma igreja que trabalha é uma igreja viva (White, 2002).

Por outro lado, aquele que se dispõe a fazer a obra de Cristo, no sentido do discipulado, como já mencionado, refere-se a levar pessoas a decidirem pelo evangelho, proporcionando ao discípulo aumento de conhecimento e por repetir os princípios e as verdades centrais da Palavra aos outros. O próprio indivíduo cresce e se fortalece nas bases fundamentais da fé cristã. A fortaleza no interior daquele que transmite luz é solidificada cada vez que ele compartilha sua fé para novas pessoas.

O discípulo que não realiza semelhante obra definhará e correrá grande perigo no relacionamento mestre–discípulo. Assim comenta White (2014) acerca daqueles que não fazem nada por Cristo: “Há perigo para os que fazem pouco ou nada para Cristo. A graça de Deus não habitará por muito tempo na alma daqueles que, tendo grandes privilégios e oportunidades, permanecem silenciosos” (p.89). Quando não ocorre mudança a longo prazo, é porque a graça de Cristo não é recebida como poder que transforma e conduz a ação. Por outro lado, o cristão que testemunha aprofunda-se na experiência da graça. Como desdobramento do testemunho pessoal, aquele que com amor a Deus e ao próximo se esforça por ajudar a outros é que se torna firme, forte, estável na verdade (White, 2013).

A estabilidade da fé é confirmada conforme o discípulo atua de maneira regular no testemunho pessoal. A fortaleza do discipulado se dá exatamente porque há trabalho sendo feito e pessoas sendo alcançadas através de todo esforço intencional para transmitir Cristo aos outros.

Discipulado antídoto contra a apostasia

A questão da apostasia sempre foi e será motivo de preocupação de líderes religiosos. O assunto é mais preocupante porque muitos desconhecem a verdadeira causa do abandono da fé por parte de um recém-converso. Alguns creem que pode ser por falta de conhecimento doutrinário, outros por não conseguirem cumprir com novo estilo de vida, outros ainda acreditam que é por falta de relacionamento com a nova comunidade, o que os leva a desanimarem e apostatarem da fé. White (2014) enfatiza uma forte razão para evitar a apostasia: “Os cristãos, cujo zelo, fervor e amor crescem constantemente, não apostatam nunca” (p.107).

A escritora apresenta a obra de testemunhar sobre Jesus como o segredo para não abandonar a fé. O contrário também é verdadeiro. Os que não se envolvem na obra e vivem uma vida de inatividade desenvolvem uma atitude de ciúmes mesquinhos, invejas, decepções e remorsos. Como não têm paixão pela salvação de outros, que seria a força motivadora da permanência, alimentam-se das faltas e dos erros de seus irmãos. Sua vida religiosa é despida de esperança (White, 2014).

O risco de apostasia é muito grande se o discípulo não atenta para o fato de que seus esforços devem ser canalizados na direção correta. O testemunhar é a chave para a vida cristã exitosa.

O objetivo final do discipulado

A Grande Comissão foi o meio pelo qual os discípulos de Jesus permaneceram aquecidos com a proclamação do evangelho fazendo novos discípulos, que somados com seus esforços, alcançariam o mundo com a mensagem da Segunda Vinda. O discipulado não é um fim em si mesmo, mas um meio para um fim.

O objetivo final do discipulado é a arma de Deus para a conclusão de sua obra na Terra. Caso contrário, se não existir um discipulado forte e bem coordenado, como os novos discípulos serão alcançados e o que será da volta de Jesus? White (1993) pontua que “a obra de Deus na Terra nunca poderá ser terminada a não ser que homens e mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam seus esforços aos dos ministros e ofícios da igreja” (p.352). Sem o discipulado é impossível cumprir com a Grande Comissão.

Discipulado e o preparo para o serviço

Existe unanimidade entre os cristãos quanto aos benefícios trazidos pelo sacrifício de Cristo, no entanto, deve haver um compromisso em trabalhar para ele. Deve ser elaborado um plano que estabeleça o fortalecimento do discipulado, desde as classes dos infantis até as classes dos adultos e pequenos grupos, com estratégias bem coordenadas nas quais todos possam ser ensinados a desempenharem sua parte. Esta deve ser uma prioridade, caso contrário, se perderá o foco da razão de ser da igreja.

White (2004), comentando sobre a importância do preparo do povo para o labor missionário ressalta que: “tem sido provado no campo missionário que seja qual for o talento da pregação, se a parte do trabalho for negligenciada, se não se ensina o povo

como trabalhar, como dirigir reuniões, como desempenhar sua parte no labor missionário, como alcançar com êxito o povo, a obra será mais ou menos um fracasso” (p.83).

O discipulado, seguindo a linha de raciocínio de Ellen White, é um processo de compromisso cada vez mais intenso com a pessoa de Jesus, cujo resultado tem a ver com a transformação pessoal, refletindo o caráter de Cristo e o testemunhar a outros com uma participação efetiva na obra missionária, crescendo no conhecimento das Escrituras, permanecendo estável na verdade, sendo protegido contra a apostasia e compreendendo que o fim não é o discipulado em si, a terminação da obra de Cristo e o seu breve retorno.

Resumo

No segundo capítulo se analisa o discipulado fundamentado no Antigo Testamento e Novo Testamento, bem como nos escritos de Ellen White. Depois de examinar os princípios mais relevantes, conclui-se que existe uma similaridade de pensamento e ação acerca do tema. Contudo, no Antigo Testamento não há tanta nitidez sobre o assunto quanto no Novo Testamento e nos comentários de Ellen White.

O Antigo Testamento apresenta relacionamentos que configuram o discipulado. Às vezes, como forma para o preparo de sucessores para a liderança do povo de Deus, outras, como prática sucessória do profetismo ou ainda, para o serviço do sacerdócio. O Novo Testamento não somente usa os termos do Antigo Testamento sobre o relacionamento professor-aluno, como demonstra a forma prática de como se faz um discípulo. Jesus é o modelo discipulador padrão para todas as gerações. Em Paulo, é possível ver um modelo discipulador que ele herda de Barnabé alinhado com o modelo

de Cristo. Ninguém faz discípulo para si, mas sim para Cristo. O discipulado é cíclico, ou seja, não tem fim. Somos discípulos e discipuladores sempre. Discípulos de Cristo e na maturidade do discipulado, discipuladores.

Nas citações de Ellen White, foi possível constatar que discipulado está conectado intimamente com a Grande Comissão. Conversão, refletir o caráter de Cristo, permanecer estável na verdade, crescimento na vida espiritual e proteção contra a apostasia são benefícios resultantes do discipulado eficaz. Conforme as citações de Ellen White, usadas para este estudo, o discipulado é um processo de compromisso cada vez mais intenso com a pessoa de Jesus, cujo resultado tem a ver com a assimilação do estilo de vida de Cristo, com a finalidade de ensinar outros.

CAPÍTULO III

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE DISCIPULADO

O capítulo prévio apresenta os fundamentos teológicos para o discipulado. Este capítulo examinará uma seleta literatura contemporânea sobre diferentes conceitos acerca do discipulado, a Grande Comissão e o discipulado e a importância da figura pastoral como agente discipulador.

O que é o discipulado?

O termo para discípulo aparece em todos os quatro Evangelhos e no livro de Atos. A palavra discípulo (do grego *mathetes*) significa um aprendiz, um aluno, um seguidor e alguém que está ligado a um professor (Ryu, 2014). Há uma correlação entre os autores contemporâneos que têm visto o discipulado sobre muitas facetas, que vai desde uma afinidade entre professor e aluno a uma vida inteira de aprendizado, baseados no modelo de Cristo com seus discípulos. Falando-se em uma simples afinidade entre professor-aluno, por exemplo, somos levados a compreender que o discipulado não deve ser entendido como uma sala de aula cheia de alunos recebendo instrução de um professor, onde este repassa conhecimento e aqueles recebem informações. No discipulado, este relacionamento é bem mais amplo, ultrapassando esta mera transmissão de conhecimento. Isso envolve um processo de aprendizado, não simplesmente a aquisição de

conhecimento, mas a submissão de uma pessoa a Cristo em fé e serviço (Mariner, 2016, p.7).

No discipulado, ou no trato mestre/aluno, ao mesmo tempo que há um princípio de formação, com o qual se deve ensinar um discípulo a viver, a pensar, a decidir, a interpretar, a construir, a agir, a relacionar, a produzir e tudo isso com uma mente cristã (Reis, 2012), também há um processo dinâmico, que não é estabelecido de uma forma instantânea, pois uma relação humana está acontecendo. Horton (2011), expressa que “ser discípulo é uma longa vida de aprendizagem” (p.194). Neste relacionamento, para que seja gerado um processo de mudança, essencial no discipulado, deve haver convivência mútua, não como um programa, mas um longo processo para ser semelhante a Cristo através de toda uma vida (Putman, 2008). Toda essa convivência, todos esses conhecimentos adquiridos, resultará uma transformação no discípulo, de tal maneira, que este comprometer-se-á com seu mestre, a ponto de o mesmo estar apto para instruir a outros. Philips (2008) explica que “isso ocorre entre mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros” (p.16). Essa longa vida de aprendizagem deve trazer experiência e maturidade ao seguidor de Cristo de modo que o mesmo possa compartilhá-la com outros. Clinton (1992) afirma que “discipulado é um processo em que um mais experimentado seguidor de Cristo compartilha com um novo crente o compromisso, entendimento e básicas habilidades necessárias para conhecer e obedecer a Jesus Cristo como Senhor” (p.48).

Sem dúvida, como maior discipulador da história, Jesus nos tem deixado o exemplo de como deve ser o verdadeiro processo de fazer discípulo. Mais que um verbo,

mais que uma ação, mais que um programa, ainda que seja necessário fazer todos os esforços, a fim de manter programas que reforcem o discipulado nas igrejas, o discipulado é um dos melhores meios para alcançar uma pessoa para Jesus, pois ele, mais que evangelizar, tem por finalidade conduzir o indivíduo desde sua conversão, passando por sua completa integração na igreja e maturidade, quando estará frutificando (Bertho, 2009). Ainda, pode o discipulado ser definido como um processo de transmissão da mensagem cristã para outros, nesta mesma linha de raciocínio Rinse (2008) diz que discipulado é uma pessoa ganhando e ensinando outra, e instruindo esse novo crente a ir e a fazer o mesmo sucessivamente.

No contexto de fazer novos discípulos, já que este deve ser o processo natural da igreja no que diz respeito a sua missão, o relacionamento humano deve ser algo fundamental. Não se pode pensar em fazer discípulos em massa ou crer que se pode realizar isto em grandes concentrações ou treinamentos, ou ainda que existam fórmulas que se seguidas, os discípulos surgirão em quantidades. Ogden (2010) assegura que “discipulado é um relacionamento intencional no qual caminhamos ao lado de outros discípulos com a finalidade de encorajar, equipar e desafiar uns aos outros em amor, para adquirirmos maturidade em Cristo. Esse relacionamento inclui preparar o discípulo para fazer outros discípulos” (p. 23). Sendo assim, o fazer novos discípulos, acontece no processo natural da igreja a medida que ela vai crescendo em sua maturidade cristã.

Dentro dos diversos conceitos sobre discipulado, pode-se afirmar que o mesmo é a missão da igreja (Mateus 28) e é a razão pela qual a igreja existe! Sendo assim, o discipulado não é apenas transmissão de informação, mas de vida! É a forma onde

adoramos ao Senhor ajudando um pecador a ser uma pessoa melhor (Souza, 2011).

Também é correto afirmar que o discipulado é um compromisso com Cristo porque Cristo é real, ele existe, então deve haver discipulado. Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito (Bonhoeffer, 2016).

Desta forma, compreendemos que o discipulado começa com Cristo, segue com Cristo e termina com Ele. É um estilo de vida marcado pela presença de Jesus e sustentado pela oração, leitura da Palavra e comunhão (Baumann, 2009). A associação de quem é um discípulo de Jesus, deve ser mediante seu exemplo, seus ensinamentos, suas atitudes, suas ações, sua compaixão, de tal maneira que este compromisso com ele, venha a refletir seu caráter e sua semelhança.

A Grande Comissão e o discipulado

Dada por Jesus primeiramente aos seus seguidores, a Grande Comissão traz a verdade intrínseca de que é necessário continuar a missão que o próprio Cristo começou: fazer discípulos preparando-os intencionalmente para continuarem a missão. Ott (2004, p. 31) declara que o objetivo de Jesus foi formar discípulos que fizessem novos discípulos (Mt.28:19, 20). Eles deveriam tornar-se pescadores de homens e realizar um ministério parecido com aquele que ele mesmo realizou (Lc.5:10; Jo. 20:21).

A opção utilizada por Jesus, vista aqui, foi de um discipulado em grupo e que este tipo de discipulado os ajudaria tanto no aspecto vertical quanto no horizontal, sendo que um seria apoio para o outro (Swavely, 2011). Assim como o próprio Jesus andou e viveu com eles, de igual maneira, era o momento de os mesmos fazerem algo semelhante.

Consequentemente, o coração da Grande Comissão é o fazer discípulos e este era o grande objetivo de Cristo em escolher para si doze homens e discipulá-los por três anos e meio, sempre com o propósito de enviá-los a alcançar o mundo.

A ordem imperativa de Cristo apresenta uma forte evidência de que a igreja, que seria constituída por discípulos, deveria estar em um constante movimento de sair, de buscar, de alcançar o mundo com a mensagem do evangelho. Horton (2011) diz que a Grande Comissão está atada intimamente com o ministério público e que o verbo principal não seria o ir ensinar ou batizar, pois todas estas ações estão subordinadas à ação do verbo principal – discipular.

Quando Jesus começa realizando a sua missão, ele próprio vem e se sacrifica pela humanidade oferecendo perdão e salvação a todos os que o aceitarem (Jo. 3:16). E assim como Deus enviou a Jesus também, por sua vez, ele repara os seus aprendizes para cumprirem com a sua missão, caso contrário, não haveria a Grande Comissão (Jo. 17:18) e porque quando os discípulos se envolvem na vida das pessoas, com o intuito de discipulá-las, eles atuam na qualidade de pequenos cristos realizando uma missão encarnacional e toda missão autêntica, como diz Stott (2011), é uma missão encarnacional. Ao participar da Grande Comissão, como escreve Hull (2006), a pessoa não necessita ter grande aprendizado ou habilidade, mas necessita ser regenerada, ou seja, ser uma pessoa transformada. Isso gerará dois atos: ser batizada e ser obediente aos ensinamentos de Jesus.

Portanto, a Grande Comissão é o instrumento apontado por Deus para moldar o caráter dos discípulos semelhante ao caráter de Cristo. Lucas 10:2 indica a intensa paixão

da missão de Jesus pelos perdidos, diz o texto: “A seara é verdadeiramente grande, mas são poucos os trabalhadores, portanto orem para que o senhor da seara envie trabalhadores para sua seara”. Mas o que se vê hoje, por parte das igrejas, é grande ênfase no treinar, equipar e preparar trabalhadores cristãos para o cumprimento da Grande Comissão, enquanto que a prioridade deveria ser levá-los a um relacionamento mais íntimo com Cristo. Ryu (2014) enfatiza que “a principal coisa que Jesus buscava em seus discípulos era fazer discípulos” (p. 8). Porém, há fatores que destroem a eficácia da pregação e o crescimento da igreja em fazer novos discípulos, um destes é a falta de semelhança com Jesus. Ogden (2010) afirma que os discípulos não podem ser produzidos em massa, pois os mesmos são produto de um investimento íntimo e pessoal. Por isso, Beuving (2012) afirma que o discipulado é o processo que Deus usa para realizar seu trabalho transformador no seguidor de Jesus. Concluindo acerca do discipulado na Grande Comissão, Bosch (2007) argumenta que “o alvo geral da missão é conquistar todas as pessoas para que atinjam o status de verdadeiros cristãos” (p.101).

O pastor e o discipulado

A figura de um pastor é essencial para que a comunidade cristã conquiste suas metas e propósitos e ele próprio deve ter como ideal, como referencial, como modelo a ser seguido, Jesus Cristo. A Bíblia declara que as ovelhas ouvem a voz de seu pastor e o seguem (Jo. 10:27).

Uma das qualidades que a própria função pastoral demanda é a respeito do exemplo. Ao assumir o pastorado o líder cristão torna-se exemplo para o seu rebanho. Dusilek (1996) diz que “outra ideia de liderança do Novo Testamento é a do

exemplo. Paulo tinha autoridade pelo exemplo de serviço e amor ao evangelho” (p.37). A força produzida pelo exemplo é percebida no comportamento daqueles que estão sendo discipulados.

Dentro do contexto do ministério cristão, a necessidade de fazer discípulos deve ser natural, uma vez que a própria ovelha seguirá seu pastor. Seria um contrassenso atuar como pastor e não levar seus membros à maturidade espiritual tornando-os verdadeiros transmissores do conhecimento recebido. Quem melhor do que ele para motivar o processo do discipulado em sua congregação, a isso reforça Pereira (2012):

“E quem, por assim dizer, daria o ponta pé inicial do discipulado? [...] Os próprios pastores deveriam iniciar o processo de discipulado, por uma simples razão: uma das principais atribuições do pastor é instruir, orientar e superintender as atividades da igreja, a fim de tornar eficiente a vida espiritual do povo de Deus”.

Mas percebe-se aqui que figura pastoral como agente discipulador, é de um líder que influencia, que motiva, que treina, que está a frente.

Tal líder, como diz Hunter (2006), tem: “A habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter” (p.18). O pastor na qualidade de líder da igreja, deve ter este magnetismo de levar as pessoas que estão sob sua responsabilidade a uma experiência mais profunda com Cristo. Assim sendo, pode-se pensar em algumas das maneiras pelas quais o pastor poderá discipular, observando alguns princípios que todo discipulador deveria praticar para ter um discipulado com excelência; que é através do ensino bíblico, relacionamento mútuo e vida exemplar.

Ensino bíblico

Um dos aspectos da formação do discipulado, através do ensino, não é uma novidade encontrada no Novo Testamento. Os antigos discipuladores mantinham um registro escriturístico para servir de guia junto aos seus discípulos. Kivitz (2012) comentando sobre os *Talmidim*, que significa meninos aprendizes à época de Israel, diz que: “Os meninos em Israel começavam a estudar a Torá aos 6 anos. A Torá era a lei de Moisés, o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia: Genesis, Êxodo, Levítico, Número e Deuteronômio. Aos 10 anos, ao final do primeiro ciclo de estudos chamado *BeitSefer*, esses meninos já haviam decorado a Torá” (p.7). Dentro do processo do discipulado, o ensino é importante porque a interpretação correta das Escrituras proporcionará ao discípulo uma visão clara sobre a vontade de Deus, o que se caracterizaria como uma educação contínua do próprio discípulo.

Jesus usou várias maneiras para instruir seus discípulos. Vez ou outra usava o discurso, técnica de pergunta e resposta, conversa ao longo do caminho, contando parábolas e até usando da repreensão para dar lições úteis aos seus seguidores. Porém, as Escrituras sagradas tiveram um papel fundamental no treinar os discípulos para cumprirem com sua missão.

Campanhã (2012), enfatizando sobre o ensino da Palavra no processo de fazer discípulos, volta à época da igreja primitiva e observa que “a preocupação da igreja se voltava especialmente para o ensino dos novos convertidos, com a preocupação específica de explicar as Escrituras à luz dos fatos cristãos e não apenas anunciar o evangelho” (p.23).

A preocupação de um pastor não pode ser outra hoje também. O ensino sistemático da Bíblia deve ser uma prioridade, não somente na vida devocional pessoal do discípulo, mas também no ambiente da adoração pública. Uma vida centralizada na Palavra significa que a vida do discípulo deve ser moldada pela Bíblia. O discipulado eficaz e produtivo acontece quando alicerçado nos ensinamentos bíblicos.

O discipulador, neste caso o pastor, deve ensinar o discípulo como estudar a Bíblia e como aplicar seus ensinamentos à vida. Porque, primeiro, a Bíblia deve ser central na vida dele e depois da igreja que está sobre seus cuidados, pois é através dela que ambos chegaram ao conhecimento do Mestre. Segundo, porque a permanência e o crescimento na experiência espiritual dependem da permanência da Palavra no interior de cada discípulo e, terceiro, porque é a proclamação de uma palavra chamada evangelho, como conceitua Chester (2011), que o discípulo irá a todo mundo fazer novos discípulos. Assim sendo, a necessidade de pôr a Palavra como a base para o desenvolvimento, crescimento e fortalecimento do discipulado é uma regra sem exceção para qualquer pastor.

Relacionamento mútuo

O relacionamento é a base para vivermos em sociedade. Em se tratando de pastor e ovelhas a premissa é imprescindível, pois no discipulado há um envolvimento entre pessoas e como envolve seres humanos e não somente métodos de treinamento, por exemplo, a relação entre o líder e seus discípulos deve ocorrer cada vez mais próxima. Souza (2011), falando sobre a importância desse relacionamento, afirma que: “Discipular é andar junto, comer junto, rir, brincar, falar sério etc.” (p.18). Esse é mais um aspecto central do discipulado, conhecer o outro; isso só pode ocorrer dentro de um espaço de tempo duradouro. Explicando sobre o papel do pastor nesta questão, Armstrong (2007)

observa que “o pastorado não é somente boa administração das ovelhas ou o aumento do número de ovelhas ou simplesmente o ensino das ovelhas. Ele está intrinsicamente ligado ao conhecimento íntimo das ovelhas. Um homem não consegue, não pode pastorear ovelhas sem conhecê-las” (p. 158).

O conhecimento mútuo não traz benefícios somente para um dos pares, mas para ambos. O discipulado de Cristo não acontece no isolamento. Essa interação entre os discípulos de Cristo é mais um modo através do qual Jesus exerce o seu poder lapidador, usando uns na vida dos outros, visando o aprimoramento mútuo (Filho, 2011). Se o relacionamento com Deus for ruim, o relacionamento com as pessoas também será (Souza, 2011). O conhecimento em pauta aqui, não implica somente em saber detalhes da vida do outro, mas conhecer sobre a vivência no âmbito familiar, social, financeiro etc. Isso é importante porque o discípulo será moldado a partir do que ele conhece acerca de seu mestre.

Vida exemplar

O pastor é alguém que além de ser um líder, também coopera na formação espiritual de seu aprendiz, tornando-se assim uma referência para ele. No dizer de Scazzero (2009), “de fato a chave para uma liderança espiritual exitosa tem muito mais que ver com a vida interna do líder, que com sua perícia, dons ou experiência” (p.21). É verdade também que nenhum discipulador é um modelo de perfeição e sim um modelo de transformação, mostrando que, assim como o discípulo, ele está num processo que a cada dia o levará a crescer na semelhança do caráter de Cristo. Podemos observar dentro do modelo de discipulado de Jesus que ele discipulava com a vida.

Conforme Bueno (2015), a sua vida exemplar era tão importante quanto as suas palavras. O viver de Jesus era para os discípulos o fator preponderante para os incitar ao compromisso. A vida do pastor é uma vida de constante pregação, seja no púlpito seja na vida diária, ele segue transmitindo uma mensagem. Norton (2001), falando sobre a persuasão no ato de pregar, argumenta o efeito que a vida do pregador tem sobre as suas palavras, “sem dúvida a falta de sinceridade e honestidade é facilmente detectada pelo público. Para transmitir um caráter favorável, o orador não só deve pregar com integridade, como também deve praticar o que prega” (p.53).

Discorrendo sobre liderar pelo exemplo, vale ressaltar que isso abrange não somente a questão de ser um referencial de moralidade e espiritualidade para o rebanho, mas também ser um modelo em confiar os resultados do crescimento numérico da igreja nas mãos de Deus. Hull (2006), falando sobre qualidade versus quantidade, relaciona o ato de discipular como fazer a coisa correta e liderar pelo exemplo, ele diz que se “Deus abençoa você com grande ou pequeno número, se você está fazendo discípulos, você está liderando como Cristo liderou e instruiu. Então estabeleça objetivos dignos, lidere pelo exemplo, e deixe os resultados com Deus” (p. 254). Isso confirma que o crescimento quem dá é Deus, e se ele está à frente do processo do discipulado, a expansão ocorrerá porque ele mesmo a fez crescer.

A vida prática envolve o testemunho pessoal, o que representa os princípios do cristianismo no dia a dia do discipulador; evidenciando na sua vida o que significa seguir a Jesus em todas as situações.

Capacitação para o serviço

O discipulado não pode ser confinado a uma classe de teorias infundáveis, pois os conceitos aprendidos devem ser imediatamente aplicados. O modelo de treinamento de Cristo era participativo e baseado na demonstração. Os Evangelhos mostram que quando Jesus saiu de cena, os discípulos já estavam preparados para realizar o que ele realizava. A questão do discipulado não é opcional. Tão pouco é um tema específico para o âmbito pastoral, mas um mandamento que demanda a própria sobrevivência da igreja. Sendo assim, o tema é tão importante que Kidder (2011) enfatiza que “a necessidade de fazer discípulos é tão fundamental que Jesus investiu três anos e meio de tempo integral na formação do discipulado. De fato, se ele não tivesse feito isso, a igreja não existiria hoje. Se nós não formarmos uma nova geração de líderes, não existirá igreja no futuro” (p.48).

Dessa forma, o pastor é alguém que trabalha para ver suas ovelhas produzindo frutos. Ele sabe que a única maneira de manter o rebanho saudável é levando-o a se reproduzir. Burrill (2009) afirma qual é o fruto esperado pelo pastor, “os discípulos de Jesus serão produtores de frutos. Qual é o fruto que os discípulos produzirão? Mais discípulos” (p.101). Treinar a igreja, ou seja, os discípulos para o serviço, faz parte do trabalho de um pastor. Essa capacitação é intencional, mas não deve ser um amontoado de programações infundáveis ou engessadas, isso não proporcionará mudança no comportamento, haverá sim, aquisição de novos conhecimentos. Montosa (2011) reitera que treinar um membro da equipe, pode ser trabalhoso, mas é fundamental para que o ministério não se perca.

Quando a igreja tem membros bem treinados ela se desenvolve melhor. Mas este treinamento não tem a ver com participação em massa em grandes concentrações, onde projetos são apenas lançados, o que deixa a igreja cansada e saturada. Igrejas maduras,

bem desenvolvidas, valorizam a capacitação. Barna (2008) afirma que os membros estão cansados e exaustos de programas intermináveis e cumprimento de tarefas que não levam a transformação alguma. Isso só comprova que formar um novo discípulo envolve tempo, paciência, cumplicidade, vida prática e prática do discipulado. Jesus demonstrou isso várias vezes permitindo que seus discípulos o vissem fazendo, para depois serem enviados e então fazerem eles mesmos. Assim sendo, devido a uma alta demanda de suas funções, um pastor não conseguirá discipular uma multidão, sozinho.

O próprio Jesus, apesar de ter toda uma aglomeração de seguidores, tinha doze discípulos mais próximos. Mas isso não significa que o pastor não possa ter sua equipe mais próxima e discipulá-los; sobre isto comenta Silva (2016) que o líder ou o pastor deve ter discípulos que são realmente seus discípulos. Pastor que não tem time não tem igreja. Consequentemente, capacitar, treinar, instruir, qualificar são todas palavras que não podem deixar de ser vivenciadas por um pastor que deseja desenvolver, em seus discípulos, habilidades no serviço do Mestre. Afinal, como destaca Schwars (2010), “líderes que se veem como instrumentos para capacitar outros cristãos e levá-los à maturidade espiritual, descubrem como esse aspecto leva ‘por si mesmo’ ao crescimento” (p. 23).

Dentro do processo do discipulado alguém tem que discipular alguém. No caso da igreja, o pastor é o responsável ou aquele que deve impulsionar o processo. Ele é visto como o líder espiritual que precisa agregar pessoas que o sigam. Barbosa (2003) insiste afirmando que:

O que falta não me parece ser alguma nova técnica que ainda não foi incorporada ou algum curso que se deva fazer. O grito das ovelhas é por pastores. A liderança que temos hoje, ou melhor, o modelo de líderes que temos buscado não está satisfazendo os anseios das almas das ovelhas de Jesus Cristo. Temos boa tecnologia, bons administradores, bons professores, excelentes gerentes que tocam a igreja [...] mas não temos pastores (p.67).

Como exposto, a maior necessidade é de pastores-discipuladores. Homens que antes de receberem qualquer coisa, receberam um chamado de Deus. Que tenham uma percepção da grande tarefa e se disponham a fazer o trabalho. O pastor desempenha um papel referencial para o rebanho. Suas iniciativas são a base para que todos possam seguir. Isso inclui uma vida dedicada ao rebanho, para nutri-lo, cuidá-lo e protegê-lo, a fim de que este cresça saudável.

Resumo

No terceiro capítulo analisou-se a bibliografia contemporânea relacionada a alguns conceitos sobre o discipulado, bem como o discipulado no contexto da Grande Comissão e a figura pastoral como discipulador.

A pesquisa buscou um conceito de discipulado que mais se aproximasse do significado bíblico. Os vários autores pesquisados concordam com a centralidade do discipulado no modelo de Cristo e seus discípulos.

Sobre a Grande Comissão percebeu-se que o principal elemento da ordem de Jesus, aos seus discípulos, é a missão de fazer discípulos. A Grande Comissão é um meio pelo qual Deus realiza seu trabalho transformador nos seguidores de Jesus, transformando-os em pescadores de homens.

Foi considerada também a figura pastoral, como sendo um referencial de agente

disciplinador, valorizando alguns princípios do discipulado que marcam uma vida centralizada na Palavra de Deus, sua relação com os membros de seu pastoreio, sua vida de exemplo e de trabalho constante para treinar seus discípulos; uma vez que seu rebanho, espera que ele seja hábil para treiná-los e motivá-los a fazer de outros novos discípulos.

CAPÍTULO IV

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA FORTALECER O DISCIPULADO NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE

Nos capítulos 2 e 3 desta pesquisa é possível apreciar como a figura do pastor está intimamente associada ao contato com o membro para treiná-lo e torná-lo um discípulo qualificado e produtivo no processo da expansão do Reino de Cristo.

Baumgatner (2008) argumenta que isso ocorre pelo exemplo do discipulador, e que jamais pode ser esquecido o fato de que ele também está crescendo na mesma jornada e sabe aonde ambos chegarão (p.133). O ato de formar discípulos para discipular a outros, deve fazer parte da agenda contínua do pastor.

Este capítulo abrange as seguintes seções: apresenta os métodos de coleta de dados, o perfil da Associação Central Paranaense. Também, apresenta o cronograma de atividades, mostrando, ademais, um breve perfil dos membros da Associação em estudo, bem como dos pastores distritais.

Por outro lado, este capítulo expõe a descrição do programa de capacitação para 13 pastores da Associação Central Paranaense, assinalando em seguida, a maneira como se implementou em suas diferentes etapas e, finalmente, ensina sobre a fase avaliativa do programa.

Métodos de coleta de dados

A população participante do atual trabalho são 13 pastores da Associação Central Paranaense, bem como os membros que compõem as igrejas que eles servem, os quais são considerados ativos no livro da Associação em estudo. Os dados para este projeto foram coletados principalmente de: leituras e análises de documentos como a Bíblia, os escritos de Ellen White e escritos de autores cristãos contemporâneos, sobre o tema do discipulado e sua relevância para a igreja na atualidade. Para diagnosticar e verificar os resultados, se fez uso do acompanhamento trimestral, através dos relatórios da Escola Sabatina e estatísticas da secretaria da Associação Central Paranaense.

Perfil da Associação Central Paranaense

Com o propósito de compreender melhor a realidade do crescimento da Associação Central Paranaense, é preciso conhecer os antecedentes e o contexto cultural e histórico em que a Associação se desenvolveu. A seguir será apresentada uma breve resenha histórica com sua respectiva informação demográfica, perfil dos pastores e membros da referida Associação, para ajudar a compreender o crescimento e a realidade espiritual da mesma.

Neste capítulo estudam-se os pastores distritais e os membros que estão ativos no livro de secretaria da Associação Central Paranaense.

Resenha histórica

A cidade de Curitiba está situada em um planalto do Estado do Paraná, a 934 metros acima do nível do mar. A capital mais fria do Brasil tem seu nome oriundo do Tupi Guarani *kurytiwa*, que significa Pinheiral. Fundada em 1693, seus primeiros habitantes vieram da região de São Paulo e Paranaguá, tendo sua base econômica iniciada na exploração mineral,

criação de bovinos, e mais tarde transpondo-se à cultura de erva-mate e madeira, até se transformar em um dos mais importantes centros comerciais e industriais do país.

Ao longo do século XIX, uma grande quantidade de imigrantes europeus, na maioria alemães, poloneses, ucranianos e italianos, chegaram à cidade, o que contribuiu para a diversidade cultural que permanece até hoje. Por causa dessa base europeia, foram elaborados diversos planos urbanísticos, assim como legislações que visavam conter o crescimento descontrolado, o que levou a cidade a ficar famosa internacionalmente pelas inovações urbanísticas e pelo cuidado com o meio ambiente.

Curitiba leva a fama de ser a cidade mais pós-moderna do Brasil, com os mais altos índices de educação. Ela também tem o título de ser a cidade mais sustentável ambientalmente da América Latina, daí ser considerada a Capital Ecológica (Prefeitura Municipal de Curitiba, 2017).

Neste contexto, está situada a Associação Central Paranaense, estabelecida administrativamente no dia 1 de janeiro de 2010, através da Comissão de Survey da Divisão Sul-Americana conforme voto DSA 2009-008, que se reuniu às 9h do dia 12 de fevereiro de 2009, nas dependências da USB, situada à Rua João Carlos de Souza Castro, 562, no Bairro Guabirota, em Curitiba, PR, que recomendou à Comissão Plenária da DSA, que no voto 2009-125, vota-se a reorganização dos territórios das Associações envolvidas, Associação Sul-Paranaense Associação Norte-Paranaense e a criação de uma nova Associação, que passou a se chamar Associação Central Paranaense - ACP, tendo sua sede administrativa situada à Rua Deputado João Ferreira Neves, 159, bairro Vista Alegre, Curitiba, PR.

Esta instituição é composta em seu território por 41 distritos pastorais e 26.076 membros, conforme dados de 2015. Na área educacional, a Associação Central Paranaense está composta por 10 unidades educativas, perfazendo um total de 5.458 alunos no ano de 2015. A área territorial, sobre a qual a Associação exerce sua jurisdição, compreende a parte central do Estado do Paraná, abrangendo 82 (oitenta e dois) municípios, com 3.090.595 habitantes.

Considerando que a Associação Central Paranaense e a Associação Sul-Paranaense estão localizadas na mesma cidade – Curitiba, esta foi dividida entre os dois campos, usando como linha divisória, o início na divisa entre os municípios de Curitiba e Pinhais, terminando no Rio Barigui, que é a divisa entre os municípios de Curitiba e Araucária.

Perfil dos pastores distritais

O corpo ministerial de distritais da Associação Central Paranaense (ACP) está constituído por uma faixa etária bem diversificada, sendo que o maior índice ocorre entre os 30 e 49 anos de idade. O tempo de ministério pastoral está baseado entre quatro a vinte anos de trabalho. Na tabela abaixo, se observará a descrição da idade dos 41 pastores distritais.

Tabela 1

Pastores distritais por idade 2015 – ACP

Descrição idade	Valor
26 a 29 anos	5
30 a 39 anos	16
40 a 49 anos	12
50 a 61 anos	8
Total	41

Fonte: Registro de obreiros secretaria da Associação Central Paranaense

Apesar do tempo no ministério, existe uma dificuldade quanto a compreensão do processo do discipulado, pelo menos ao observar-se a maneira pela qual o tempo do pastor é dividido no trabalho. De acordo com os dados da avaliação anual da Associação Central Paranaense (ACP), o tempo da agenda pastoral segue a fórmula 80x20, que corresponde à demanda de eventos, administração da igreja, solução de problemas internos e construção de novos templos, este percentual é cerca de 80%. O correspondente aos 20% restantes referem-se às atividades de visitação, capacitação e formação de novos líderes. Isso pôde ser verificado através das respostas do questionário de perguntas, para avaliação anual da Associação Central Paranaense, sendo que, dos 41 distritos pastorais, apenas 25 informaram ter um projeto de formação de líderes.

Outro aspecto visível, em relação a um não completo desenvolvimento do discipulado como processo, está no fato de serem realizados evangelismos em massa. Neste caso, os pastores buscam alcançar mais seus alvos de batismos, do que preparar a igreja para desenvolver um processo de discipulado, pois tais tarefas, que deveriam ser prioritárias, demandam tempo e acompanhamento mais próximo, corroborando o que foi mencionado acerca da agenda 80x20. No evangelismo de tenda, há obreiros bíblicos contratados e os resultados são bem mais rápidos. Por isso, grande parte dos investimentos e verbas distritais têm sido direcionadas para esse tipo de programa.

O que se observou ainda, foi que o aspecto discipulador, de preparar pessoas e batizá-las, fica a cargo dos evangelistas e obreiros bíblicos contratados. O que leva, conseqüentemente, a uma desistência futura, chamada apostasia, dos novos conversos, por não terem um acompanhamento mais próximo de discipuladores que não sejam os obreiros bíblicos.

Como se verá na tabela seguinte, o número de discipuladores é bem inferior ao número de pessoas que entram para o rol de membros da igreja. O que constata a presença forte de uma cultura de evangelismo em massa, assim como se deduz que o discipulado, como processo, tem sido sustentado por apenas poucos membros ativos que estão realmente comprometidos com a missão de Cristo, e que existe uma grande acomodação por parte da maioria da igreja em discipular alguém.

Tabela 2

Percentual do envolvimento no discipulado 2015 - ACP

Trimestre	1	2	3
Membros	25.518	26.788	26.076
Discipuladores	1.032	1.049	1.091
Percentual	4	3,9	4

Fonte: Sistema de Relatório União Sul-Brasileira

Quanto ao perfil profissional dos pastores, apresentado na tabela subsequente, conforme resultados tabelados pelo APSE, é possível visualizar uma realidade que possa explicar a dificuldade em capacitar os membros para atuarem como discipuladores. Parece haver uma acomodação quanto ao sistema que o campo usa para o discipulado, o chamado Ciclo do Discipulado. Neste programa, são feitos evangelismos com a atuação forte de obreiros bíblicos, como já mencionado anteriormente. Observa-se, por exemplo, o perfil do profissional Diplomata Altruísta, perfil este que mais se apresentou na tabela abaixo. É um perfil voltado para conservação das regras, ao mesmo tempo que este profissional quer

resultados “para ontem”. Os outros perfis seguem a mesma linha, o que se adequa claramente à forma como o campo trabalha, ou seja, não como um discipulado como processo, mas como um evangelismo em massa.

Tabela 3

Perfil profissional que mais influi na ação de capacitar ACP 2015 – pastores distritais

Descrição do perfil	Número de pastores
Líder Social	1
Líder Persuasivo	1
Líder Ativo	1
Diplomata Altruísta	6
Empático	2
Total	11

Fonte: Grupo APSE Brasil relatório de Perfil de Potencial e Desempenho

Perfil dos membros

As pessoas que formam a membresia da Associação Central Paranaense, são, em grande parte, descendentes de imigrantes europeus que vieram para o Estado do Paraná-Brasil, nas épocas das primeira e segunda guerras mundiais. As nacionalidades mais representadas destes imigrantes são: italiana, ucraniana e polonesa.

Com esta configuração, é possível deduzir uma forte cultura católica bastante presente na região. Nesta seção, serão apresentadas informações sobre a membresia, resultantes do relatório de 2014 e não de 2015, porque na época em que foi feita esta pesquisa, ainda não existiam informações atualizadas quanto ao gênero, idade, estado civil, grau de instrução, religião anterior e o modo de conversão.

Dos 25.003 membros ativos no livro de secretaria da ACP, 10.793 são homens e 14.210 são mulheres. Este último dado demonstra que, embora haja uma atuação masculina forte e consolidada para esta região do país, também há uma presença significativa da atuação feminina na liderança das igrejas e na missão.

Tabela 4

Gênero membros 2014 - Associação Central Paranaense

Descrição	Valor	Percentual
Masculino	10.793	56,8
Feminino	14.210	43,2
Total	25.003	100

Fonte: Adventist Church Managment System

Quanto a faixa etária, a membresia da ACP se apresenta relativamente jovem porque 12.302 membros se encontram entre 7 e 35 anos de idade. Os membros aqui registrados são aquelas pessoas que foram batizadas e têm seus nomes no rol de registro da igreja, como membros ativos.

Por esses números, verifica-se uma igreja com grande potencial para o crescimento, pois os jovens estão no maior vigor físico, mental e social. O que ajudaria na liderança e na disseminação da pregação do evangelho, através da influência pessoal. O que também poderia corroborar para uma mudança de mentalidade, acerca do discipulado como um processo e não como um programa batismal.

Tabela 5

Total de membros por idade 2014 - Associação Central Paranaense

Idade	Masculino	Feminino	Total
0-35	5.773	6.529	12.302

Fonte: Adventist Church Management System

Outro dado de 2014 revelou que o índice mais alto do estado civil da membresia da ACP é de solteiros, o que reforça o tema de ser uma igreja jovem. São 14.025 solteiros para 9.573 casados. Isso se explica porque o público é jovem e porque há uma tendência na cultura curitibana e pós-moderna, e até mesmo pela própria cultura do país, estabelecida nos últimos anos, de que o brasileiro está casando mais tarde. O jovem, hoje, almeja terminar uma faculdade ou conseguir um bom emprego para então contrair matrimônio. Além dos índices dos solteiros e total de casados, observa-se uma boa quantidade de pessoas viúvas, o que se crê serem pessoas mais idosas, dado este não comprovado pelo estado civil.

Tabela 6

Total de membros por estado civil 2014 – Associação Central Paranaense

Descrição	Valor
Solteiro	14.025
Casado	9.573
Separado	201
Divorciado	340
Viúvo	864
Total	25.003

Fonte: Adventist Church Management System

Com relação ao grau de escolaridade na região da Associação Central Paranaense, os dados revelam que 8.464 pessoas concluíram o nível fundamental e 5.181, o nível médio. No Ensino Superior, apenas 2.692 atingiram este nível. Apesar de ser uma região bastante desenvolvida na área educacional, com os mais altos índices de educação, como visto na resenha histórica, nas categorias pós-graduação, 198 foram registradas. Com mestrado se apresentaram 25 e com nível doutoral, apenas 8 pessoas. É claro que um número muito grande, 8.080, não informaram sua escolaridade. No entanto, esses dados revelam que a membresia da ACP é alfabetizada, que tem acesso à informação e que apresenta grande potencial para interagir nas capacitações e transmitir o que aprendeu a outros.

Tabela 7

Total de membros por grau de escolaridade 2014 - ACP

Descrição	Valor
Doutorado	8
Mestrado	25
Pós-Graduação	198
Ensino Superior	2.692
Ensino Médio	5.181
Ensino Fundamental	8.464
Primária	2
Não Alfabetizado	353
Não Informado	8.080
Total	25.003

Fonte: Adventist Church Management System

Um dado muito interessante é visto sobre a religião prévia do membro. A quantidade de 4.493 membros são advindos do próprio seio de famílias Adventistas do

Sétimo Dia, e de Católicos, 6.182. Com isso, um total de quase 44% da membresia não tem uma cultura forte de testemunho pessoal. Por que se afirma isto? Porque os filhos de adventistas foram doutrinados pelos pais e ou outros familiares e tomaram a decisão para seguir a Cristo, sem muitas dificuldades. O que também demonstra mais solidez na transmissão da religião, na própria família. Por outro lado, o membro proveniente da igreja Católica, por sua formação, é muito zeloso na prática religiosa, valorizando muito a liturgia e a defesa da religião.

Outro aspecto aqui refere-se ao fato de que estes católicos são descendentes de europeus, ou seja, por si só já apresentam uma cultura mais reservada para testificar a nova fé. Dentro deste contexto, se faz necessário uma escola perene de discipulado e missão, que possa motivar os membros a serem verdadeiros discípulos de Jesus, a fim de que se tornem discipuladores nesta missão.

Tabela 8

Total de membros religião prévia 2014 - ACP

Descrição	Valor
Budismo	5
Outras	2,258
-	11,611
Cristão Católico	6,182
Cristã Adventista da Reforma	94
Cristão Adventista do Sétimo Dia	4,493
Cristão Protestante Pentecostal	360
Total	25,003

Fonte: Adventist Church Managment System

Na tabela anterior foram analisadas as religiões anteriores dos membros, antes de se tornarem adventistas. Viu-se que os adventistas transmitem a religião para a própria família, seja essa nuclear ou ampliada. Também se verificou que muitos católicos e outros não católicos foram alcançados. Dos 25.003 membros considerados neste estudo, 4.493 são filhos da própria igreja e 4.804 vieram para igreja graças ao evangelismo relacional através de amigos, pequenos grupos, Escola Adventista e Clube de Desbravadores. Esta informação reforça a importância dos relacionamentos interpessoais e a prática do testemunho pessoal na conquista de novos discípulos para Cristo.

Tabela 9

Total de membros modo de conversão 2014 - ACP

Descrição	Valor
Outros	3.946
ADRA	49
Família Adventista	4.493
Amigos Adventistas	3.244
Publicação Adventista	162
Escola Adventista	277
Curso Bíblico	558
Classe Bíblica	4.883
Missão Calebe	11
Evangelismo Público	5.371
Instituição Médica	3
Operação Resgate	89
Desbravadores	963
Escola Sabatina	249
Pequeno Grupo	320
Programa de TV/Rádio	385
Total	25.003

Fonte: Adventist Church Management System

Cronograma de atividades

As atividades da capacitação estiveram submetidas a um evento denominado Pequeno Grupo de Pastores (PGP), que contou com uma reunião mensal por três meses consecutivos, de março a maio de 2016 nas quais foram apresentados seminários, atividades em grupos e ações avaliativas. As reuniões foram realizadas em dias específicos da semana, geralmente em uma terça-feira que, conforme o consenso, não acarretaria nenhuma dificuldade para o grupo de pastores envolvidos no projeto.

Tabela 10

Cronograma de atividades

Data	Temas
15/03	<i>Mathetes, metanóia</i> e o discipulado em comunidade
12/04	Agenda, meta crucialmente importante
17/05	O discipulado e a visão da igreja, processo de discipulado

Implementação do programa

Nesta seção, se explicará como foi a implementação do programa de capacitação para o fortalecimento do discipulado, através dos pastores da Associação Central Paranaense, bem como apresentar os objetivos específicos, a organização e a forma como será feita a promoção do programa.

Objetivos específicos do programa

Fortalecer os treze pastores com seminários, debates e avaliações sobre o processo do discipulado, procurando contextualizar a cada realidade pastoral, tornando a prática da

capacitação para o discipulado um item prioritário na agenda pastoral da Associação Central Paranaense. Levá-los a refletir sobre as informações atualizadas, de tal maneira que os desafie a aprofundar sua espiritualidade, e que possam atuar como formadores de novos discípulos, no contexto da Grande Comissão. Desafiá-los a manter uma escola permanente de discipulado, onde o novo membro possa receber capacitação e motivação para alcançar a maturidade espiritual.

Organização

O programa de capacitação foi idealizado para ser realizado em um local amplo, afastado da cidade, mas não tão longe e que proporcionasse um ambiente calmo e tranquilo aos participantes, favorecendo momentos de reflexão individual e em grupo. Como planejado, foi possível dispor do local com uma sala, área verde e refeitório. Na sala, foram ministrados os seminários e as discussões em grupo e no refeitório, a interação social e o almoço.

Promoção

A promoção da capacitação foi feita dois meses antes da primeira reunião, através do departamento do Ministério Pessoal. Esta promoção, foi uma breve explicação sobre o projeto que seria desenvolvido com os pastores em um concílio pastoral, realizado nos dias 22 a 24 de janeiro de 2016. Também outros meios foram utilizados para divulgar e propagar informações acerca dos encontros e o que seria abordado em cada um. Chamadas telefônicas, envio de convite, através do correio eletrônico, uso do informativo semanal pastoral- Informe ACP, encontros pessoais e visitas nos distritos, serviram para reforçar o

convite e motivar, especialmente os pastores da capital, com os quais o projeto seria desenvolvido.

Capacitação de pastores

A capacitação para pastores ocorreu por meio do Pequeno Grupo de Pastores (PGP). Este teve seu início no dia 15 de março de 2016, quando foram ministrados os seminários, atividades em grupo e as avaliações.

Em cada capacitação foram estudados temas relacionados com o discipulado e a missão da igreja. Nestes encontros, os pastores tiveram a oportunidade para confraternização, troca de experiências, estudo da Bíblia e momentos de oração. A parte teórica se deu através de seminários, cujos temas abordaram sobre: *mathetes, metanoia*; o discipulado em comunidade; agenda; meta crucialmente importante e, por último, o seminário, colocando os membros num processo de maturidade espiritual. Além dos seminários, os participantes receberam material impresso como complementação da capacitação. Ver apêndice E.

Fase avaliativa do programa

A fase avaliativa do programa ocorreu em duas etapas. A primeira avaliação foi de cunho formativo, no final dos dois primeiros encontros. A segunda avaliação, denominada de resultados, foi aplicada no último encontro, no qual os participantes deram o feedback através da pesquisa de satisfação.

CAPÍTULO V

IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO

No capítulo anterior, foi exposto como seria desenvolvido o planejamento para o programa de capacitação sobre discipulado, na ACP. Este capítulo se refere a uma descrição fidedigna e detalhada de como foi realizado o projeto, tanto na fase prévia quanto em seu desenvolvimento, até chegar à finalização, apresentando dados obtidos na fase avaliativa.

Fase prévia

No concílio pastoral, realizado nos dias 22 a 26 de janeiro de 2016, foi entregue a cada pastor, a realidade espiritual distrital, cuja fonte provinha dos relatórios da Escola Sabatina da Associação e da União Sul-Brasileira. Esse relatório visava mostrar aos pastores os aspectos do crescimento nas três áreas cruciais do desenvolvimento espiritual de cada membro: Comunhão, Relacionamento e Missão. Conforme pode ser visto no apêndice A. Os relatórios demonstravam e confirmavam uma triste realidade: o número assustadoramente baixo de membros ativos e registrados na secretaria da igreja, envolvidos no discipulado. Essa informação sensibilizou a administração da ACP, que além de refletir sobre os métodos de ganhar e conservar as pessoas para o Reino de Cristo, também começou a buscar uma solução para aumentar a participação e envolvimento dos membros, como discipuladores.

O primeiro passo foi explicar detalhadamente, com base nos relatórios coletados da Escola Sabatina e Secretaria de Igreja- ACMS, o motivo pelo qual seria necessário implementar um programa de fortalecimento de discipulado entre os pastores distritais e a administração da ACP e solicitar a inclusão das datas de reunião do PGP no cronograma de atividades da Associação, como sendo um item prioritário no processo do fortalecimento do discipulado. A administração concordou e deu todo o apoio necessário, inclusive abrindo espaço nos concílios e treinamentos para que se fizesse a promoção do projeto.

Porém, antes de serem selecionados os pastores e distritos participantes, houve um acordo entre a administração e o pesquisador, de que o projeto deveria ser aplicado na capital por motivos geográficos e financeiros. Todos os 13 pastores que estariam envolvidos no programa de capacitação foram previamente avisados e posteriormente convocados, para fazerem parte do primeiro encontro denominado Pequeno Grupo de Pastores (PGP). Os convidados eram todos da cidade de Curitiba, onde fica a sede administrativa da referida Associação. A participação no programa não era obrigatória, contudo, todos os que se comprometessem a vir para as reuniões deveriam estar presentes em todas elas.

Dois meses antes do primeiro encontro com os pastores, foi feita uma breve apresentação do que seria o programa de capacitação, explicado no concílio pastoral. Esta apresentação foi importante porque serviu para incentivar os mesmos a participarem do projeto.

Nesta ocasião, foi entregue a cada pastor um informativo geral contendo o número de envolvimento de membros na ação missionária. Isso ajudou a que visualizassem a realidade do discipulado em cada distrito, afinal, estas informações provinham de uma

fonte fidedigna, a secretaria da ACP (Apêndice A). Isso permitiu uma reflexão sobre a necessidade de ser implementado o programa de capacitação para fortalecer o discipulado através dos pastores.

A ideia de criar um pequeno grupo de pastores, para fortalecer o discipulado, não era ainda bem-vinda pelo grupo. Mesmo que se tivesse a necessidade de fazer algo para mudar a realidade espiritual das igrejas para ajudar os membros a se firmarem, como discípulos de Cristo. Havia uma desconfiança, que criava uma apatia por este tipo de ajuntamento, pois os próprios pastores acreditavam que era mais um programa oportunista e quando mudasse a administração do campo, tudo voltaria como era antes. Por esta razão, a criação do PGP não poderia ser algo imposto pela administração do campo, mas sim algo que os pastores distritais quisessem fazer parte. Foi somente depois de dois meses, com diálogos informais e conversas amistosas, que o pesquisador conseguiu criar um vínculo de confiança com os participantes, para que o projeto pudesse vir a ser uma realidade. Foi criado, intencionalmente, um grupo no WhatsApp denominado PGP- Curitiba, no qual os participantes foram incluídos e, através do mesmo, iniciou-se uma interação para fortalecer a ideia do programa de capacitação. Esta iniciativa teve um bom resultado porque proporcionou comunicação semanal entre o grupo e o pesquisador, na qual foi possível obter motivação, fortalecimento da amizade mútua e tirar dúvidas, quando necessário.

Fase da implementação

Antes de definir questões orçamentárias e outras situações sobre o programa de capacitação, era necessário pensar em que local estes PGPs poderiam ser realizados. Pensou-se primeiramente em realizá-los no próprio auditório da Associação, mas apesar de ser um local confortável e bem estabelecido, ele não preenchia todas as características que

este tipo de encontro necessitaria. Com a equipe de administradores da ACP, o pesquisador delineou as características de um local apropriado, que deveriam ser as seguintes: local tranquilo, longe do murmúrio da cidade e que estivesse rodeado pela natureza, para poder ajudar o participante a focar sua atenção total no programa; mas que fosse próximo a ela, para que o acesso à cidade fosse rápido, caso houvesse alguma emergência; que possuísse um pequeno salão reservado, que servisse tanto para apresentação dos seminários, quanto para os momentos de oração e interação do grupo; além de um refeitório para servir as refeições. Não foi difícil encontrar um local com estas características, uma vez que Curitiba, mesmo sendo uma grande cidade, está rodeada por chácaras que desenvolvem o turismo rural, uma cultura na região. Assim sendo, o local escolhido foi a Chácara Elvira, situada na zona sul da cidade, que reunia todas as características sugeridas pelo pesquisador à administração da Associação e que ainda apresentava o acesso rápido, estando próximo a uma rodovia.

Após ser escolhido o local, foi estabelecido um orçamento especial que pudesse cobrir as despesas com a alimentação dos pastores no local. A chácara não cobrou aluguel pela sala reservada, apenas cobrou o almoço de cada participante. Tendo a visão de que não haveria necessidade de pagar um aluguel, então pensou-se nos outros gastos. Seria necessário um orçamento que pudesse cobrir a despesa com o lanche, o almoço, a água, os livros e outros eventuais materiais. O patrocinador de todos os encontros foi o departamento do ministério pessoal da ACP.

A seguinte questão foi pensar no tempo necessário para a capacitação, assim como nos dias em que deveriam ocorrer e em que espaço de meses poderia ser aplicada. Em acordo, mais uma vez com a administração, cada encontro da capacitação deveria ser feito

uma vez por mês, durante três meses. As datas estabelecidas foram 15/03, 12/04 e 17/05 de 2016. Estes encontros mensais seriam estabelecidos a fim de dar espaço para que os pastores também tivessem tempo, pelo menos três semanas, para desenvolverem suas atividades práticas de discipulado com seus PGLs. Estes pequenos grupos de líderes poderiam ser reunidos de 15 em 15 dias ou semanalmente, de acordo com a opção de cada pastor e aos critérios que ele julgasse necessário. Além de preparar os cinco líderes para participarem do SAL-Seminário Adventista de Líderes, promovido pelo departamento pessoal da ACP. Sobre os PGLs e o SAL, os detalhes destes programas serão dados no final desta sessão, após discorrer sobre todas as reuniões de capacitação.

O dia da semana proposto para a realização da capacitação, foi escolhido com o critério de não prejudicar o andamento das programações distritais em consonância com as atividades da ACP. Assim sendo, o dia sugerido foi a terça-feira, para não comprometer a folga pastoral da segunda-feira nem os dias de culto nas igrejas locais, e tampouco sobrecarregar as demandas dos finais de semana de um pastor.

Outro ponto a ser estabelecido foi sobre a metodologia que seria aplicada ali, em cada reunião. Que didática, que livro, que materiais e que espaço de tempo entre uma capacitação e outra seriam necessários para que o projeto funcionasse ordenadamente. Neste último caso, a administração não quis opinar, exceto por propor que estes encontros fossem um espaço apropriado para também serem usados por departamentais para eventuais treinamentos. Com a participação do administrador no primeiro encontro e com o decorrer do programa, esta intenção foi vista como inviável, pela própria administração, por entender a natureza do projeto.

A didática utilizada foi aquela que poderia dar liberdade de expressão aos participantes. Cadeiras em formato de círculo, no qual um pudesse ver a face do outro com uma discussão natural e dialética dos temas e sem a costumeira formalidade, a qual o pastor enfrentava a cada reunião nas igrejas locais. O uso do material didático como projetor para passar os *slides*, foi uma alternativa visual dos conteúdos, e o *folder*, um material de apoio. Os livros presenteados aos pastores, foram escolhidos devido ao conteúdo relacionado aos temas. Cada pastor recebeu os seguintes livros: Formando Líderes edição Para Pastores, A Treliça e a Videira e Pastores Livres.

Quanto ao espaço de tempo para cada reunião, ou seja, as horas que cada capacitação iria tomar, estudou-se um tempo quando os participantes pudessem desfrutar de um lanche, companhia dos amigos, receber a capacitação com os seminários, discussão em grupo, momentos de oração, reflexão pessoal, momento de intervalo entre os temas, uma vez que seriam três temas por reunião e um almoço. A alternativa foi dividir 5 horas entre as partes. Ao chegar ao local proposto, os participantes deveriam já ser recebidos com um lanche, proporcionando um ambiente descontraído e informal. O seguinte tempo era dedicado a dar instruções de como se desenvolveria o programa. A saber: alguns minutos de louvor e adoração com hinos e canções, acompanhado por um violão; em seguida um período para pedidos e motivos pelos quais orar, neste espaço, a oração poderia ser direcionada por um dos participantes do grupo, variando algumas vezes em grupo ou duplas, ou ainda uma oração interativa em que todos participariam com pequenas orações. Passado estes minutos de oração, vinha a apresentação dos seminários, com interação ativa dos pastores, ora lendo conceitos, ora discutindo em dupla, ora fazendo perguntas ao

expositor ou entre eles mesmos. Para finalizar, havia sempre uma avaliação. O almoço era servido em seguida. Determinados estes passos, o programa de capacitação poderia começar.

Primeiro encontro

Na semana anterior ao início da capacitação, foram enviados e-mails e mensagens pelo WhatsApp do grupo, informando o endereço do local, a data e o horário e como deveria ser o traje dos participantes. O tom das mensagens enviadas era sempre informal, o que gerava um clima de amizade e companheirismo cristão. O programa de capacitação para fortalecer o discipulado, através de pastores, foi novidade para aqueles 13 homens porque além de fugir a rotina de um programa semanal do pastor, também proporcionaria a reunião com colegas de distritos mais distantes, mesmo sendo da metrópole, coisa que só ocorria quando a Associação promovia eventos oficiais ou muito especiais. Esta reunião entre colegas facilitaria uma interação, na qual os mesmos escutariam e participariam falando de suas experiências nas igrejas que eles pastoreavam.

Na terça-feira, 15 de março de 2016 às 9h foi iniciada a capacitação com os 13 pastores, o pesquisador e mais um administrador da ACP. A programação começou de maneira informal, como planejado. O programa teve o seguinte formato: boas-vindas e lanche, para gerar uma interação agradável com os participantes; momento de louvor, acompanhado por um instrumento musical; momento de oração; termômetro da expectativa quanto ao programa, isto é, momento quando os pastores eram indagados, pelo pesquisador, sobre a expectativa deles em relação ao programa; apresentação dos seminários; discussão sobre o tema; avaliação; oração; e almoço.

Seguindo estas diretrizes, o programa tomou sua forma dando a oportunidade para que todos pudessem sentar em formato de círculo, logo, sendo convidados a louvar a Deus com duas canções e o hino “Faz de mim um discípulo”, este que seria o hino oficial nos programas subsequentes. Foi proferida uma oração pelo administrador da ACP, presente no encontro. Antes do início dos seminários, o administrador também proferiu algumas palavras de saudação e boas-vindas ao grupo. Em seguida, o pesquisador deu as diretrizes gerais de como ocorreria aquela primeira reunião. Inicialmente com uma abordagem geral do desenvolvimento do discipulado na ACP, e depois discutindo em grupo o processo do discipulado nos distritos ali representados e, por conseguinte, implementar tal programa nas igrejas.

A capacitação do primeiro dia teve três seminários, com pequenos intervalos entre eles, para evitar cansaço, desânimo e motivo de desistência por enfado. O primeiro seminário discorreu sobre o *Mathetes*, o segundo seminário sobre *Metanoia* e o terceiro abordou o discipulado na comunidade. Parecia ser muito assunto, mas os temas foram desenvolvidos de tal maneira que pudesse haver interação e participação dos convidados. Dessa forma dinâmica, o discorrer dos assuntos transcorreu da maneira planejada.

Primeiro seminário: *mathetes*

O primeiro seminário descreveu o significado do *Mathetes* no NT, e sua aplicabilidade, usada inicialmente aos discípulos de Jesus, bem como sua relevância para compreensão do discipulado hoje. Este seminário foi apresentado de duas maneiras: expositivamente com o uso do PowerPoint e com a participação dos pastores em determinados momentos, ora lendo os conceitos, ora discutindo em dupla ou trio. Havia um

folder, dado na chegada, contendo informações impressas sobre o seminário, o qual deveria ser usado pelos participantes. Através deste material de apoio, os pastores acompanhavam a apresentação do palestrante e podiam interagir, quando solicitados, lendo os conceitos que se apresentavam e uma ou outra informação relevante. Estes *folders* ficavam com os participantes, para que os mesmos os levassem para casa, caso tivessem a necessidade de consultas. A disposição da estrutura textual do seminário seguia a seguinte sequência: era lido primeiramente um dado estatístico urgente. Neste primeiro encontro, o dado escolhido foi o seguinte: uma das maiores debilidades de nossas igrejas é que 99% dos cristãos jamais acompanham um novo converso. Neste ponto, os participantes deveriam discutir esta triste realidade em dupla. Isso acontecia em 10 minutos.

Em seguida, após algumas considerações feitas pelo pesquisador, era dado um conceito bíblico que deveria ser explorado, neste caso, *Mathetes*, cuja palavra discípulo está muito ligada com a ideia de ensinar, aprender; um aluno ligado a um mestre ou movimento. Neste ponto, os participantes interagiam lendo os conceitos e seguindo a apresentação pelo palestrante. Duração de 10 a 15 minutos.

O seminário seguia agora apresentando um aspecto prático a ser seguido: após o processo de aceitação da verdade bíblica, a maturação deve ser acompanhada através de um processo de crescimento. Neste ponto, os pastores eram convidados a pensarem em algum projeto ou processo que estava acontecendo em seus distritos. Dois eram escolhidos para falarem de suas experiências. Isto durava aproximadamente 10 minutos.

A última parte do seminário envolvia um compromisso com o discipulado, as palavras ali observadas era de que cada cristão deve ser um evangelista e que nossa missão é dar testemunho de Cristo. Ainda reforçando o aspecto de que cabe a cada um de nós

avaliar nosso serviço e esforço para servir, amar e salvar o ser humano. Neste ponto, os pastores eram convidados a refletirem suas práticas. Duração de mais 10 minutos porque não exigia a participação oral dos participantes, apenas um momento para uma autorreflexão.

A apresentação do seminário foi feita pelo autor deste projeto e a duração do mesmo foi de 45 minutos. Após a apresentação, houve um tempo de 10 minutos para que os pastores pudessem expor suas dúvidas ou fazer alguma observação importante referente ao tema. Foi um espaço que gerou a participação da maioria dos convidados, que disseram crer que este tema era de suma relevância para a realidade espiritual da igreja atual, e que havia uma necessidade de pôr o discipulado como prioridade no programa da igreja.

Após as considerações sobre dúvidas e relevância do tema, feita pelos pastores, foi dado um intervalo de 5 minutos, com um leve exercício de alongamento, dirigido por um dos pastores.

Segundo seminário: *metanoia*

O segundo seminário discorreu sobre a *Metanoia*, que abordou a questão da mudança de paradigmas, fortalecendo a visão de uma igreja focada nas pessoas. Neste seminário foi reforçada a necessidade de ser criada uma mentalidade que valorize o relacionamento, como um item que agrega e inclui pessoas, no contexto de uma igreja voltada para a comunidade. A apresentação do seminário seguiu o mesmo formato do anterior e durou 45 minutos.

O ponto alto apresentado neste seminário foi que uma igreja precisa ser relevante na comunidade e focada nas pessoas. Um conceito bíblico a ser explorado foi o de ir ao mundo

para alcançar as pessoas porque o mundo não virá por si mesmo à igreja. E que a vocação e a missão da igreja se dá pelo exercício da misericórdia na comunidade. Isto é, um chamado à mudança de mentalidade, um processo de evangelização pautado pelo testemunho e diálogo.

Após a apresentação deste seminário, foram dados 5 minutos para perguntas, mas não foi utilizado todo o tempo porque parecia não haver tanta dúvida ou questionamento em relação ao assunto e como eles mesmos já interagiam dentro do seminário, já podiam tirar as próprias conclusões. Os dois seminários tiveram uma duração de aproximadamente 90 minutos. Após um pequeno intervalo de 10 minutos, foi ministrado o terceiro seminário sobre o discipulado na comunidade, com duração de 35 minutos.

Terceiro seminário: discipulado na comunidade

Este seminário mostrou a importância do trabalho social realizado junto à comunidade, tornando o evangelho visto de maneira prática por aqueles que deveriam ser alcançados pela mensagem. Um aspecto relevante do seminário foi de que o evangelho transcendeu as paredes da igreja, para chegar à intimidade das pessoas. O ponto-chave apresentado foi que, para que haja um discipulado em comunidade, é necessário ter relacionamento nessa comunidade. O chamado apresentado foi que Deus nos convida a um relacionamento com ele, com os outros e com o mundo.

Logo em seguida, foi aberto um tempo de 20 minutos para discussão em grupo dos temas abordados. Por último, os participantes fizeram a avaliação formativa (apêndice C). Esta avaliação requeria a participação imediata após a conclusão dos seminários porque dava o feedback dos participantes com respeito aos temas apresentados.

O que se pode observar neste primeiro encontro, foi a grande indagação vinda dos pastores, cuja fala era: se o discipulado era realmente algo tão importante para a igreja, por que não era colocado a nível de campo? Houve muita discussão. Todos queriam expressar essa inquietação, mas isso era feito com um tom de expor suas dificuldades, ao mesmo tempo, o pesquisador percebeu que por haver um administrador presente, os pastores não foram tão espontâneos.

A maior queixa deles era de que os programas do campo eram tantos, que não sobrava tempo para realizar o discipulado da maneira que estava sendo apresentada. Eles estavam de acordo com os temas, mas os viam apenas como teoria e, algumas vezes, com difícil aplicabilidade nos distritos.

Percebia-se algum descontentamento em relação à cobrança, pois era assim que eles estavam vendo, como algo que iria ser cobrado deles, já que imaginavam que não tinham condições de desenvolver o discipulado. Havia um certo teor de crítica ao campo, que de maneira muito sutil era exposta nas palavras dos convidados.

Os administradores acreditavam que os PGPs deviam servir como base de apoio para treinamentos, nos quais cada departamental pudesse passar suas agendas. Mas como o primeiro encontro mostrou que aquela reunião não estava voltada para treinar os macroprojetos preestabelecidos, eles mesmos preferiram ficar fora daquele PGP nos próximos encontros, permitindo que o grupo pudesse atingir os objetivos propostos pelo pesquisador.

Segundo encontro

No mês seguinte, dia 12 de abril, foi posta em execução a segunda capacitação, realizada no mesmo local do encontro anterior. Às 9h foi servido um lanche. Como os convidados já estavam mais familiarizados com o programa, após o lanche, eles todos se assentaram e um hino foi cantado acompanhado por violão, tocado por um dos pastores participantes. Antes da apresentação do tema, foi feita uma oração por todos os presentes, logo veio a exposição do tema, cujo título foi A agenda 80x20 e o Discipulado. O seminário foi apresentado pelo autor deste projeto. Os materiais didáticos usados na apresentação foram: *PowerPoint* e um *folder*, com o resumo do tema.

Primeiro seminário: a agenda 80x20 e o discipulado

Este seminário orientou os pastores sobre a importância de ter uma agenda semanal que contemplasse a prioridade do pastorado, quanto a acompanhar mais de perto os líderes, ajudando-os a atingir maturidade espiritual e se possível treiná-los como discipuladores. O seminário apelou para que os participantes fizessem arranjos para que a agenda mudasse radicalmente, colocando 80 por cento nas atividades prioritárias como capacitação, visitação e encontros informais intencionais com os líderes e, 20 por cento para as atividades relacionadas com construção, cuidado do templo, comissões.

O ponto para chamar a atenção foi que muitos pastores estavam perdidos numa agenda infindável de dificuldades. A verdade crucial apresentada foi que os pastores são discipuladores, as demais coisas são pontuais, sem efeitos futuros no todo da igreja. O ponto para tomada de decisão foi que se deve dedicar 80 por cento do tempo para a formação de discípulos, e 20 por cento para as demais coisas. Os participantes tiveram 10

minutos para fazerem perguntas. Foi dada uma pausa de 15 minutos e após isso iniciou-se o segundo seminário do dia, abordando sobre a Meta Crucialmente Importante (MCI).

Segundo seminário: MCI e o discipulado

O seminário foi dirigido para a questão de ser focado na meta crucialmente importante, neste caso, focar na formação de discípulos. Muitos pastores, segundo o estudo abordado, ficam perdidos no redemoinho das atividades pastorais que sufocam, consomem o tempo e não realizam nada. A MCI precisa ser do conhecimento de toda a igreja, para que ninguém se distraia e perca o foco. Foram apresentadas ideias de como levar a liderança da igreja a focar na meta crucialmente importante. A discussão em grupo obteve mais participação que na capacitação anterior, por causa da dinâmica e relevância do tema. Na avaliação ao final, os pastores disseram quão importante seria priorizar este tema na igreja como um todo. A reunião foi concluída com uma oração, e na sequência todos almoçaram juntos, no restaurante situado no mesmo local da capacitação.

Neste segundo encontro, foi observado uma reação bastante diferente em relação ao primeiro encontro. Houve o relato de experiência positiva de modificação quanto a metodologia de evangelização. Alguns já informaram que já estavam se reunindo com seus liderados e montando um grupo de 5 pessoas e que a sexta-feira era o melhor dia que eles encontraram. Em suas reuniões, eles tinham mais facilidade para transmitir as informações que iam recebendo e ao mesmo tempo formando discípulos em seus pequenos grupos de líderes- PGL. Quando se discutiu sobre a agenda, a reação dos pastores foi tentar repensar suas práticas, uma vez que as demandas administrativas concorriam ou levavam a maioria do tempo deles. Era como um ciclo vicioso, alguns argumentaram. Porém, se realmente fosse 80 por cento do tempo de cada um para ser aplicado no discipulado, afirmaram que

seria uma bênção. Mas algo diferente das reações do primeiro encontro ocorreu, ao invés de por toda responsabilidade, mais uma vez, sobre a Associação, eles próprios chegaram à conclusão que não deviam esperar por uma ordem geral. Se a agenda não funcionasse seria porque ele, o pastor, não queria. Assim, viu-se que aquela reunião começava a surtir o efeito que o pesquisador esperava, ou seja, que não era uma questão de responsabilizar outros, mas tomar o assunto como seu, que não adiantava culpar a terceiros, enquanto eles mesmos não tomassem a questão do processo do discipulado em suas mãos. Por isso, foi necessário começar uma capacitação com o pastor, com aquele que realmente poderia iniciar este processo e não somente iniciá-lo, mas sobretudo levá-lo adiante e mantê-lo. Seria bom para ele e para sua igreja.

Terceiro encontro

A finalização do programa ocorreu no dia 7 de maio, às 9h iniciando com um lanche, como de costume. Nesta última reunião, foram abordados dois temas: o primeiro tratou sobre o discipulado e a visão da igreja e o segundo, o processo do discipulado. A ordem do programa seguiu o formato: apresentação do seminário; discussão em grupo e avaliação formativa. Os resumos dos temas podem ser consultados no apêndice B. O método seguido para ter a participação dos pastores consistiu em pedir que expusessem suas dúvidas, que questionassem, que sugerissem e que também pudessem apresentar algum testemunho do que já estava ocorrendo com seus pequenos grupos de líderes.

Primeiro seminário: o discipulado e a visão da igreja

A relevância do mesmo consistiu em apresentar aos pastores que a missão da igreja transcendia as paredes da igreja para chegar à intimidade das pessoas; que o pastoreio se

tornou mais próximo, eficaz; e o sacrifício mais real. Também abordou sobre a necessidade de se ter relacionamentos mais duradouros, para que o número de pseudocristão não aumente com aqueles que apenas assistem às reuniões da igreja nos fins de semana. Uma maneira de cumprir com a missão de Jesus consiste em ir ao mundo ensinar, batizar, exercer uma influência transformadora na vida das pessoas, construindo vínculos relacionais e assim o cristão vai cumprindo a ordem de ir e fazer discípulos. Foi enfatizado o significado de fazer discípulos como um processo, em que um cristão mais maduro toma uma pessoa que não conhece a Jesus e a conduz pelo ensino transformador ao crescimento e maturidade, ajudando a descobrir seus dons e utilizando-os num ministério de serviço para o avanço e a expansão do reino de Cristo. Não houve questionamentos nesse tema, apenas a participação dos pastores com experiências positivas, já ocorrendo no processo de discipulado que eles estavam experimentando no PGL.

Segundo seminário: o processo do discipulado

O propósito básico deste seminário foi realçar que o discipulado não acontece por ciclos e sim através de processo e que o propósito básico deste processo é a maturidade espiritual. Também foi colocado que o processo do discipulado é uma escalada que requer tempo, disposição e prática. O apelo apresentado foi de que a igreja precisa hoje de pastores que vivam em comunidade missional e que se conectem mais durante a semana toda com sua comunidade e foi pontuado que para viver este ideal há um preço a ser pago.

Neste terceiro encontro, observou-se que havia uma aceitação dos conceitos e do processo do discipulado, como viável e aplicável. A maioria dos pastores se mostrou favorável e era notória a empolgação em suas falas, pois os mesmos já estavam vivenciando aquilo na prática. Os mesmos já haviam começado os PGLs com seus líderes, motivando os

outros, que não estavam participando do grupo dos treze, a urgentemente entrarem no processo. Alguns já haviam mudado a mentalidade, no sentido de culpar as instâncias maiores e apresentavam muito entusiasmo.

Ao mudarem o foco das agendas pastorais, ainda que a demanda fosse grande para as áreas administrativas, muitos chegaram a relatar que, ao fazerem isso, estavam finalmente tendo sentido em seus ministérios. Chegaram a afirmar que a mudança começava com eles, pela organização deles e não pela instituição que os administrava. Que aquilo dava um senso de realização pessoal. Um dos pontos que eles discutiram foi quanto ao discipulado ser visto, na igreja local, apenas como algo que devia ser feito pelo pastor e não pelos membros. Que, quando se pensava em discipulado, pensava-se apenas em uma classe no sábado, à tarde, onde os novos membros eram instruídos sobre as doutrinas bíblicas, porém, que isso não servia para os membros experientes. O discipulado assim era visto apenas para alguns e não para todos.

Contudo, participando das capacitações, descobriram que estavam equivocados e compreenderam que o discipulado é um estilo de vida, um processo lento, mas eficaz. Entre eles mesmos, havia uma certa perplexidade, pois se eles, pastores, estavam daquele jeito, como não estaria a mentalidade dos membros? Era essa mudança de mentalidade que eles começavam a fomentar nos PGLs.

Atividades no pequeno grupo de líderes

O PGL era um pequeno grupo de líderes, que deveria se reunir uma vez por semana ou quinzenalmente, critério este estabelecido pelo pastor discipulador. Este pequeno grupo seria utilizado pelo pastor distrital, para criar um processo de discipulado com seus líderes locais. Cada pastor era responsável por escolher cinco líderes, de uma mesma igreja ou de igrejas diferentes que, em acompanhados e orientados, poderiam ser os próximos discipuladores locais, auxiliando o pastor distrital. Assim como cada pastor recebia as informações nas capacitações do PGP, agora no PGL ele colocava em andamento o processo do discipulado, pondo em prática, a teoria recebida, com os cinco líderes eleitos por ele. Os líderes recebiam instruções, orientações, discutiam em grupo os temas, tiravam as dúvidas e ainda apresentavam a visão da igreja para o discipulador, que aproveitava estes momentos para formar uma nova mentalidade acerca do processo do discipulado.

Estes líderes, além de receberem estas instruções, também recebiam desafios e apelos, para por em prática a teoria recebida. Além de livros e materiais gratuitos, com os temas estudados, os líderes também recebiam outro suporte para ajudá-los a seguir crescendo em maturidade espiritual, em relacionamentos e em conhecimento cognitivo, de tal maneira que estes pudessem viver o discipulado como um estilo de vida. Para isso, cada pastor tinha a responsabilidade de enviar seus cinco líderes para o programa do SAL.

Seminário adventista de líderes

O Seminário Adventista de Líderes, SAL, foi idealizado pelo autor deste projeto, com o objetivo de continuar fortalecendo o processo do discipulado, através dos pastores discipuladores, com seus líderes. Não era um programa independente do projeto de

capacitação para pastores, mas sim uma forma de dar melhor suporte teológico e missiológico para aqueles que estavam participando do processo do discipulado, com seus cinco líderes locais. Esse seminário dava ao pastor discipulador uma clara visão de que todo o processo do qual ele estava experimentando, fosse em participar das capacitações e daquilo que ele estava desenvolvendo em seu PGL, não acabaria apenas nos três encontros nem tampouco em algumas reuniões semanais, às sextas-feiras com seus líderes. Essa visão, na prática com o SAL, mostrava que eles deviam estar seguros de que aquilo seria um processo contínuo. O SAL existia com esta intenção, criar uma cultura de formação de discipuladores. Recebia os líderes-discípulos dos pastores, reforçava os conceitos, ampliava a visão e fomentava a formação destes novos discípulos em se tornarem discipuladores, a fim de que eles continuassem o processo na igreja local.

O currículo do SAL consistia em disciplinas relacionadas com o testemunho pessoal, ações missionais, evangelismo pessoal e discipulado. Os materiais entregues para os participantes eram gratuitos e deviam ser lidos no intervalo entre as reuniões presenciais. Foram estabelecidos cinco encontros, ao longo de sete meses, com a participação dos cinco líderes de cada pastor, que estavam entre o grupo dos treze participantes da capacitação, além, é claro, do pastor discipulador. Havia lista de controle de frequência, relatórios de leituras e relatórios de atividades práticas. Os cinco líderes, de cada pastor, que participavam do SAL, eram uma prova viva de que o processo do discipulado no distrito do pastor estava em desenvolvimento. Em convênio com a Andrews, este seminário contou com a participação do Dr. Ricardo Norton, Dr. Joseph Kidder, Dr. Wagner Kuhn, Dr. Gluder Quispe, convidado vindo da Universidad Peruana Unión, UPeU, além de outros

palestrantes locais, como o Pr. Alex Palmeira, da União Sul-Brasileira e o próprio pesquisador, Pr. Aquino Filho, da ACP. Aqueles líderes participantes, inscritos no SAL, que apresentaram uma frequência de 80%, receberam um certificado endossado pelo departamento do Ministério Pessoal da ACP e também pelo Instituto de Ministério Hispano da Universidade Andrews.

Os grupos que participaram do SAL ficaram tão motivados e o crescimento do discipulado, apesar de não ser tão significativo, especialmente nestas primeiras tentativas, aos poucos foi se estabelecendo como algo viável e de extremo apoio ao pastor distrital, que agora podia contar com seus líderes discipuladores. Até o momento em que esta pesquisa foi concluída, este tipo de programa continuava sendo desenvolvido pela Associação Central Paranaense.

Fase avaliativa

Para comprovar os resultados da implementação do seminário de capacitação para pastores, na ACP, foram realizadas duas formas de medir a eficácia da capacitação. Uma de caráter formativo e a outra de resultados ao finalizar da capacitação.

Avaliação formativa

O processo da avaliação do programa de capacitação foi bem simples. Em cada sessão, após a apresentação do tema principal, era dado um tempo para a participação ativa por parte dos pastores, os quais apresentavam suas dúvidas, faziam alguns esclarecimentos e ou contribuía com alguma experiência. No momento, o apresentador fazia perguntas pertinentes ao tema, para ter uma ideia da compreensão dos participantes. Não foi exigido dos participantes que memorizassem alguma coisa da teoria em estudo, mas sim que

retivessem ideias e princípios que poderiam ajudar na formação pessoal e em futuras tomadas de decisões, quanto ao fortalecimento do discipulado em seus distritos.

Avaliação de resultados

Esta avaliação foi realizada somente no último encontro porque tinha como objetivo avaliar o valor que os seminários tiveram, primeiramente na vida de cada participante e, posteriormente, se o mesmo poderia ser reproduzido aos futuros participantes dos pequenos grupos de líderes, nas igrejas locais.

Desde o primeiro encontro com os treze pastores, a capacitação teve boa aceitação pelos participantes. Em todas as reuniões os pastores responderam com entusiasmo e espírito participativo. No final das três capacitações, foi aplicada a avaliação de resultados. A avaliação foi feita através da escala Likert, em que se especificava o nível de acordo ou desacordo com cada uma das declarações que apareciam no questionário. Foi escolhido este tipo de escala porque era mais compreensível aos participantes. No total, foram avaliados cinco aspectos. A seguir, em tabelas parciais, podem ser visualizados os resultados avaliativos feitos pelos participantes da capacitação. A tabela está no apêndice C.

Tabela 11

Avaliação da apresentação do seminário

Pergunta 1	Valor
Concordo totalmente	10
Concordo	2
Nem concordo, nem discordo	1
Discordo	-
Discordo totalmente	-

A primeira pergunta da avaliação de resultados, estava relacionada com a maneira como foi aplicado e exposto o seminário pelo palestrante, e os recursos utilizados na administração do mesmo.

Como se observa na tabela anterior, a avaliação da primeira pergunta da capacitação tem um total de 13 participantes, dos quais 10 disseram que a apresentação do seminário foi relevante e bastante aplicável no contexto da igreja local e também na escola de liderança, por isso, concordaram totalmente. Apenas 2 participantes disseram concordar com a apresentação, mas que fariam diferentes distritos, devido ao contexto de suas realidades diferenciadas, como falta de líderes, número de membros e até mesmo comunidades rurais; 1 apresentou-se neutro, nem concordando, nem discordando, sem maiores explicações.

Vale ressaltar também, que a pergunta relacionada com o seminário, visava captar a importância do seminário para igreja, uma vez que os participantes deveriam reproduzi-lo em seus pequenos grupos de líderes. A avaliação mostrou a relevância do seminário e que os recursos utilizados contribuíram para prender a atenção dos participantes e despertou o interesse dos mesmos para sua reprodução junto aos seus líderes.

Tabela 12

Avaliação do conteúdo

Pergunta 2	Valor
Concordo totalmente	9
Concordo	2
Nem concordo, nem discordo	2
Discordo	-
Discordo totalmente	-

A pergunta acima refere-se ao conteúdo propriamente dito, sua relevância no contexto do discipulado e sua aplicabilidade na formação de novos discípulos.

Quanto a avaliação dos conteúdos, dos 13 participantes, 9 consideraram que o conteúdo era bastante atual e que o mesmo deveria servir de referência para ser aplicado também na escola de liderança com os anciãos e líderes nas igrejas locais, por isso, concordaram totalmente. Outros 2 apenas concordaram, como sendo um tema de conteúdo atual, mas não aplicável em seus distritos pastorais, por terem realidades diferenciadas das áreas urbanas. Os últimos 2 mostraram-se neutros, sem apresentar detalhes ou maiores explicações. Vale ressaltar que todo conteúdo foi resultado de pesquisa e organização de outros materiais relacionados ao tema do discipulado.

Tabela 13

Avaliação do horário

Pergunta 3	Valor
Concordo totalmente	8
Concordo	3
Nem concordo, nem discordo	2
Discordo	-
Discordo totalmente	-

A terceira pergunta fez referência ao horário e ao tempo da apresentação dos seminários. O tempo aqui se refere somente à ministração dos seminários, sem levar em consideração o horário do início ao término de toda a capacitação. Dos 13 participantes, 8

disseram que concordavam totalmente, pois o seminário mantinha-se dentro de 45 minutos, tempo suficiente para apresentação de todo o conteúdo; 3 responderam que concordavam com o horário, porém, com a observação de que o mesmo poderia ser estendido em 1 hora, dado a importância do mesmo. E outros 2 mantiveram a postura das duas primeiras avaliações, nem concordando nem discordando.

Quanto as respostas, os participantes ficaram livres para responderem ou não as perguntas, uma vez que não eram obrigados a preencherem os formulários. A questão da neutralidade, nem concordando nem discordando, mostrou que neste quesito, o participante preferiu não emitir sua opinião.

Tabela 14

Avaliação da atenção recebida

Pergunta 4	Valor
Concordo totalmente	10
Concordo	3
Nem concordo, nem discordo	-
Discordo	-

Na tabela acima, sobre a forma como foram tratados e atendidos os participantes da capacitação, os resultados mostram que 10 pastores concordaram totalmente e 3 concordaram sem muitos detalhes.

Tabela 15

Avaliação do caráter prático do seminário

Pergunta 5	Valor
Concordo totalmente	10
Concordo	1
Nem concordo, nem discordo	2
Discordo	-
Discordo totalmente	-

Com relação ao caráter prático da capacitação, 10 disseram estar totalmente de acordo, pois os seminários foram muito bem aplicados aos diferentes contextos e situações pelas quais passam os distritos pastorais, quanto ao discipulado. Apenas 1 esteve de acordo com a dinâmica com a qual foram apresentados os seminários e a capacitação. Já 2 disseram que não estavam nem de acordo nem em desacordo, sem apresentar maiores motivos. Vale ressaltar que a avaliação foi de caráter espontâneo e, cada um deveria se sentir livre para responder ou não às perguntas. Não houve necessidade de assinar qualquer documento ou ficha de presença. Mesmo assim, os participantes deram sua valiosa contribuição nos atos avaliativos, procurando agir com sinceridade e transparência.

A participação dos 13 pastores foi um elemento muito importante na eficácia da capacitação. Desde a assiduidade e pontualidade, até o compartilhar de pontos de vista nas discussões em grupo, dos testemunhos e experiências que enriqueceram cada encontro, tudo foi favorável à execução do projeto. Isso mostrou a valorização que eles atribuíram ao mesmo e demonstrou que a temática sobre discipulado continua sendo uma das grandes

necessidades que devem ser trabalhadas em qualquer distrito pastoral, mas especificamente na ACP e seus distritos pastorais.

A frequência dos participantes no programa de capacitação para fortalecer o discipulado, através de pastores na Associação Central Paranaense, ficou assim definida, como se pode ver na sequência.

No dia 15 de março, no primeiro encontro, os 13 convidados estiveram presentes. No segundo encontro, ocorrido dia 12 de abril, a assistência foi de apenas 12 participantes, mas o faltante enviou mensagem apresentando as razões pelas quais não pode estar presente.

No último encontro, dia 17 de maio, foi possível ter os 13 participantes novamente e o programa de capacitação foi encerrado com um bom aproveitamento. Desde o início, ainda na fase prévia, foi assegurado aos participantes que o referido programa de capacitação não seria obrigatório e que aqueles que viessem e se interessassem pelo mesmo, deveriam assumir um compromisso com eles próprios para não faltarem aos demais encontros. A estratégia funcionou bem, e proporcionou ao idealizador do programa de capacitação e aos participantes, informação, capacitação, materiais e, ao final, uma proposta de seguir fazendo discipulado, não como um programa, evento ou exigência imposta, mas como um estilo de vida indispensável para a própria sobrevivência da igreja.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

No capítulo anterior foram apresentados os aspectos relacionados com a implementação da capacitação. Neste capítulo, expõe-se uma síntese do que foi mais destacado na pesquisa acerca do discipulado. Logo se apresentam as conclusões e, por fim, algumas recomendações, levando em consideração que o modelo deste tipo de capacitação possa ser realizado em outros lugares.

Conclusões

Como constatado, tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos proporcionam informações sobre o tema do discipulado, ainda que o Novo Testamento seja mais explícito quanto ao assunto. Relatos de práticas discipuladoras encontrados na Bíblia, demonstram uma experiência positiva que deve ser vivida na atualidade.

Em ambos os testamentos, o discipulado existiu como um modelo por meio do qual os envolvidos compartilhavam suas experiências de vida, os discípulos aprendiam pela contemplação e assim eram, conseqüentemente, moldados e preparados para assumirem responsabilidades na liderança do povo de Deus, tais como no ensino, no serviço, no ofício profético e na pregação do evangelho. A pequena análise feita nos escritos de Ellen White sobre o tema em questão, ajudou a compreender os princípios do discipulado, sua

relevância para a formação espiritual e capacitação para a conclusão da obra de Cristo na Terra.

O programa de capacitação para fortalecer o discipulado, através de pastores na ACP, permitiu entender uma necessidade real da região onde foi aplicado o projeto, acerca da urgência da preparação de novos discípulos, concedendo uma oportunidade realista, a cada pastor envolvido na capacitação, para que desenvolvesse um processo de discipulado em seu distrito pastoral, proporcionando seminários, materiais e oportunidades para que novos membros pudessem avançar na experiência religiosa, numa escalada ascendente de crescimento e maturidade espiritual.

Os livros pesquisados neste trabalho, confirmaram que o crescimento natural da igreja ocorre através do processo do discipulado. Igrejas sem uma correta visão e prática desse processo, propendem a perder o foco da formação de novos discípulos, passando a desenvolver uma cultura de programas, eventos e auto preocupação com o crescimento estrutural e numérico.

O programa de capacitação para fortalecer o discipulado, através de pastores na ACP, motivou os envolvidos a considerarem e estabelecerem um processo de discipulado em seus distritos pastorais, no qual o pastor foi o elemento principal para dar início ao processo, começando com seus líderes locais. Outro aspecto visto na capacitação foi que a alta demanda da agenda pastoral, com assuntos administrativos, tem levado alguns a perderem a essência do chamado de ir e fazer discípulos. A capacitação para pastores permitiu uma reavaliação das prioridades pastorais, bem como favoreceu uma reflexão mais profunda quanto a fazer uma distinção entre ciclo do discipulado e processo do discipulado.

O principal resultado que foi visto, durante e depois da aplicação da capacitação, não foi tanto o nível de crescimento, em números, de mais discipuladores, ou seja, no índice de crescimento dos discipuladores nos relatórios seguintes da Escola Sabatina, uma vez que o processo do discipulado depende de um crescimento a médio e longo prazo. O que pode ser claramente observado, foi a disposição pastoral positiva em dar continuidade ao processo, quando eles formaram seus pequenos grupos de líderes, preparando seus líderes para serem enviados ao SAL, que foi criado para apoiar o processo do discipulado dos 13 distritos participantes, recebendo os líderes-discípulos, a fim de dar continuidade à formação de discipuladores.

O discipulado, portanto, foi estabelecido por Deus com o objetivo de moldar e preparar seus filhos, desde os primórdios, para cumprirem suas responsabilidades na liderança de seu povo, no ensino das Escrituras Sagradas, no ofício profético, serviço e pregação do Evangelho. Através desta pesquisa, foi possível visualizar a necessidade de falar e atuar mais em ações discipuladoras no contexto da igreja local, bem como propor um processo cadenciado de atividades que pudesse fortalecer o discipulado na ACP.

Recomendações

O programa de capacitação para fortalecer o discipulado através de pastores na ACP, foi desenvolvido para ajuda-los a reproduzirem o mesmo em suas igrejas locais. Assim sendo, devem considerar alguns passos para a implementação do projeto. No entanto, cada líder tem a liberdade de ajustar-se à realidade que o circunda. Por conseguinte, as recomendações aqui apresentadas servirão como um esboço geral, sendo que o pastor poderá ajustá-lo ou ampliá-lo conforme suas necessidades.

Com base nos resultados completos desta investigação, fazem-se as seguintes recomendações:

1. Este programa, realizado primariamente para pastores na cidade de Curitiba, pode ser aplicado e desenvolvido a nível geral, mas primeiramente deve ser aplicado e desenvolvido com os líderes de igrejas locais;

2. É necessário haver uma prévia promoção e motivação pessoal, tanto do pastor quanto do líder, para a realização do programa;

3. Na fase preparatória, os primeiros líderes a serem convidados devem ser os oficiais da Escola Sabatina e Ação Missionária, pois estes são os principais promotores do tema do discipulado nas igrejas locais;

4. Se o programa de capacitação for feito em uma igreja local, pode ser realizado em três sábados consecutivos, iniciando no primeiro sábado do mês e terminando no terceiro sábado;

5. Se o programa de capacitação for para todo um distrito ou região, deve-se realizar num final de semana, em um auditório que dê condições para apresentação dos seminários e espaço para discussão em grupo. O programa pode começar na sexta-feira à noite e terminar no sábado à tarde. Nesse formato, devem ser convidados todos os líderes como anciãos, diretores da Ação Missionária e Escola Sabatina e outros diretores de departamentos. Essas pessoas, além de serem os responsáveis diretos pela mobilização da igreja para a obra missionária, são formadores de opinião e têm grande influência sobre os demais;

6. Outra sugestão seria conectar o programa de capacitação a uma atividade missionária prática, na qual as informações teóricas possam ser colocadas em ação, ou seja, praticadas, logo que termine o treinamento, tais como: visitas a membros faltosos, visitas a irmãos enfermos em casa ou hospitais, estudos bíblicos, oração em grupos, etc.;

7. A participação do pastor, na explanação dos seminários, é essencial, uma vez que esta pesquisa observa a figura do pastor como o agente principal de capacitação. Contudo, podem-se convidar outros para a exposição dos temas, o que permitirá ao pastor tempo para cuidar de outros detalhes, caso haja necessidade;

8. Uma vez desenvolvido o seminário, seria conveniente estabelecer um calendário permanente que inclua o processo do discipulado em todos os ministérios da igreja, pelo menos uma vez ao ano;

9. Seria interessante separar cada primeiro sábado do mês para tratar do discipulado no culto divino. O diretor da Ação Missionária da igreja deve ser o responsável por esse sábado, mas isso não significa que ele deva pregar todas as vezes. Os pregadores convidados podem preparar seus sermões alusivos ao tema do discipulado.

10. Seria conveniente que as campanhas evangelísticas anuais fossem realizadas como semanas de colheita para fortalecer a ação discipuladora de cada membro da igreja.

11. Seria conveniente que as equipes dos Ministérios de Ação Missionária e Escola Sabatina se reunissem para planejar atividades em conjunto, pois os líderes desses departamentos têm uma forte influência na mobilização das unidades de ação e pequenos grupos;

12. Como incentivo, para fortalecer o discipulado no distrito pastoral, é preciso inscrever os líderes interessados em participar ou que já receberam os primeiros passos na igreja, através do pastor, para o Seminário Adventista de Líderes – SAL, no qual os mesmos podem, posteriormente, atuar como coordenadores do processo do discipulado, nas igrejas onde participam.

APÊNDICE

Apêndice A

INFORMATIVO DO ENVOLVIMENTO DE MEMBROS NO DISCIPULADO GERAL DA ACP E DOS 13 DISTRITOS ENVOLVIDOS NO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO

Comparativo Geral da ACP 1º trimestre 2015

1. Quantos estudam a Bíblia e a Lição diariamente?	12.875	50,4%
2. Quantos praticam ações solidárias para atender as necessidades do seu próximo?	3.612	14,1%
3. Quantos tem contatos missionários através de estudos bíblicos ou testemunhos?	5.161	20,2%
4. Número de amigos estudando a Bíblia?	2.838	11,1%
5. Número de discipuladores?	1.032	4,04%

Total de membros 25.518

2º trimestre 2015

1. Quantos estudam a Bíblia e a Lição diariamente?	9.441	35,2%
2. Quantos praticam ações solidárias para atender as necessidades do seu próximo?	4.720	17,6%
3. Quantos tem contatos missionários através de estudos bíblicos ou testemunhos?	8.916	33,2%
4. Número de amigos estudando a Bíblia?	2.662	9,9%
5. Número de discipuladores?	1.049	3,9%

Total de membros 26.788

3º trimestre 2015

1. Quantos estudam a Bíblia e a Lição diariamente?	10.473	40,1%
2. Quantos praticam ações solidárias para atender as necessidades do seu próximo?	5.091	19,5%
3. Quantos tem contatos missionários através de estudos bíblicos ou testemunhos?	6.622	25,3%
4. Número de amigos estudando a Bíblia?	2.799	10,7%
5. Número de discipuladores?	1.091	4,1%

Total de membros 26.076

Comparativo dos 13 distritos envolvidos na capacitação

REALIDADE ESPIRITUAL ÁGUA VERDE													
3º Trimestre 2015													
Geral													
Distrito	Igreja	Tipo	Membro	Estudo Diário	%	Ações Solidárias	%	Contatos Missionários	%	Amigos E.B.	%	Discipuladores	%
Água Verde	Água Verde	Igreja	162	57	35%	20	12%	28	17%	5	3%	4	2%
Marcos de Souza Cavalcante	Bairro Estação	Igreja	135	58	43%	8	6%	91	67%	7	5%	3	2%
	Parolin	Igreja	96	9	10%	8	8%	8	9%	7	7%	3	3%
	Vila Lindóia	Igreja	130	58	45%	23	18%	25	19%	2	2%	4	3%
Total no Distrito:			523	182	35%	59	11%	152	29%	21	4%	14	3%

REALIDADE ESPIRITUAL ARAUCÁRIA													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
Distrito	Igreja	Tipo	Membro	Estudo Diário	%	Ações Solidárias	%	Contatos Missionários	%	Amigos E.B.	%	Discipuladores	%
Araucária	Araucária	Igreja	212	107	50%	50	24%	30	14%	33	16%	20	9%
Marcelo Ferreira Branco	Bela Vista	Igreja	99	34	34%	19	19%	18	18%	19	19%	6	6%
	Contenda	Grupo	25	18	72%	10	40%	14	56%	8	32%	2	8%
	Jardim Dalla Torre	Igreja	87	19	22%	18	21%	17	20%	20	23%	10	11%
	Ponta do Céu	Grupo	124	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total no Distrito:			547	178	33%	97	18%	79	14%	80	15%	38	7%

REALIDADE ESPIRITUAL ALTO MARACANÃ													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
Distrito	Igreja	Tipo	Membro	Estudo Diário	%	Ações Solidárias	%	Contatos Missionários	%	Amigos E.B.	%	Discipuladores	%
Alto Maracanã	Alto Maracanã	Igreja	237	313	132%	24	10%	308	130%	44	19%	13	5%
Jonas	Jardim Belo Rincão	Igreja	95	40	42%	10	11%	18	19%	7	7%	3	3%
Wendrechovski	Jardim Guaratuba Colombo	Igreja	197	27	14%	23	12%	22	11%	31	16%	8	4%
	Parque da Ciência	Grupo	30	15	50%	8	27%	0	0%	4	13%	2	7%
	Parque dos Lagos	Grupo	43	26	60%	15	35%	10	23%	4	9%	2	5%
	Vila Maria do Rosário	Grupo	0	0	#####	0	#####	0	#####	0	#####	0	#####
	Vila Zumbi dos Palmares	Igreja	118	32	27%	20	17%	25	21%	5	4%	4	3%
Total no Distrito:			720	453	63%	100	14%	383	53%	95	13%	32	4%

REALIDADE ESPIRITUAL BOM RETIRO													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
Distrito	Igreja	Tipo	Membro	Estudo Diário	%	Ações Solidárias	%	Contatos Missionários	%	Amigos E.B.	%	Discipuladores	%
Bom Retiro	Bom Retiro	Igreja	345	82	24%	65	19%	145	42%	35	10%	14	4%
	Igreja do Hospital	Grupo	0	0	###	0	###	0	###	0	###	0	###
Cesar Aurelio Bilinski	Jardim Paraiso	Igreja	89	21	24%	20	22%	25	28%	10	11%	2	2%
	Pacotuba	Grupo	40	18	45%	9	23%	8	20%	8	20%	3	8%
	Rio Branco do Sul	Igreja	73	18	25%	16	22%	16	22%	30	41%	5	7%
	Vila São Pedro	Grupo	57	18	32%	6	11%	16	28%	7	12%	2	4%
Total no Distrito:			604	157	26%	116	19%	210	35%	90	15%	26	4%

REALIDADE ESPIRITUAL BOA VISTA													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Boa Vista	Bairro Alto Ctba	Igreja	188	62	33%	42	22%	99	53%	20	11%	12	6%
Euler Lopo Romero	Boa Vista	Igreja	242	52	21%	32	13%	33	14%	59	24%	12	5%
	Higienópolis	Igreja	112	36	32%	38	34%	38	34%	8	7%	2	2%
	Tarumã	Igreja	244	37	15%	27	11%	32	13%	30	12%	12	5%
Total no Distrito:			786	187	24%	139	18%	202	26%	117	15%	38	5%

REALIDADE ESPIRITUAL CAMPO LARGO													
3º Trimestre de 2015													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Campo Largo	Balsa Nova	Grupo	26	14	54%	15	58%	0	0%	0	0%	0	0%
Wellington Oliveira Santos	Campo Largo	Igreja	216	26	12%	22	10%	22	10%	9	4%	2	1%
	Itaquí	Igreja	131	19	15%	10	8%	4	3%	4	3%	3	2%
	Rincão	Igreja	59	19	32%	23	39%	13	22%	4	7%	21	36%
	Salto de Cima	Grupo	11	15	136%	5	45%	0	0%	0	0%	0	0%
	São Luiz do Purunã	Grupo	19	18	95%	15	79%	18	95%	0	0%	0	0%
	Taquarinha	Grupo	26	19	73%	19	73%	16	62%	4	15%	2	8%
	Vilinha	Igreja	188	57	30%	40	21%	35	19%	8	4%	4	2%
Total no Distrito:			676	187	28%	149	22%	108	16%	29	4%	32	5%

REALIDADE ESPIRITUAL CIDADE INDUSTRIAL													
3º Trimestre de 2015													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Cidade Industrial	Cidade Industrial	Igreja	263	0	0%	7	3%	0	0%	4	2%	5	2%
Julio César Diniz Englerth	Jardim Sol Nascente	Igreja	181	33	18%	8	4%	22	12%	10	6%	8	4%
	Thomaz Coelho	Grupo	65	0	0%	5	8%	0	0%	4	6%	2	3%
	Vila Verde	Igreja	94	20	21%	14	15%	14	15%	10	11%	4	4%
	Vitória Régia	Igreja	60	59	98%	15	25%	9	15%	2	3%	2	3%
Total no Distrito:			663	112	17%	49	7%	45	7%	30	5%	21	3%

REALIDADE ESPIRITUAL JUVEVÊ													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Juvevê	Colombo	Grupo	89	15	17%	11	12%	0	0%	1	1%	2	2%
Montano de Barros Netto	Juvevê	Igreja	735	176	24%	28	4%	41	6%	30	4%	10	1%
	Santa Tereza	Igreja	80	24	30%	4	5%	51	64%	20	25%	6	8%
Total no Distrito:			904	215	24%	43	5%	92	10%	51	6%	18	2%

REALIDADE ESPIRITUAL PORTÃO													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Portão	Portão	Igreja	1,242	174	14%	76	6%	62	5%	130	10%	10	1%
Ricardo de Pablo Cisneiros													
Total no Distrito:			1,242	174	14%	76	6%	62	5%	130	10%	10	1%

REALIDADE ESPIRITUAL SANTA QUITÉRIA													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Santa Quitéria	Cotolengo	Igreja	149	25	17%	19	13%	19	13%	19	13%	8	5%
Cláudio Marques de Araújo	Santa Helena	Igreja	118	22	19%	9	8%	14	12%	2	2%	0	0%
	Santa Quitéria	Igreja	254	43	17%	25	10%	30	12%	7	3%	3	1%
	Vila Sandra	Igreja	146	66	45%	93	64%	44	30%	8	5%	12	8%
Total no Distrito:			667	156	23%	146	22%	107	16%	36	5%	23	3%

REALIDADE ESPIRITUAL SANTA EFIGÊNIA													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Santa Efigênia	Barreirinha	Igreja	142	31	22%	15	11%	0	0%	12	8%	6	4%
Ailton Martins Pinto	Fernando de Noronha	Igreja	218	25	11%	34	16%	27	12%	15	7%	9	4%
	Jardim Aliança	Igreja	124	24	19%	19	15%	29	23%	10	8%	4	3%
	Santa Efigênia	Igreja	289	67	23%	28	10%	36	12%	3	1%	3	1%
Total no Distrito:			773	147	19%	96	12%	92	12%	40	5%	22	3%

REALIDADE ESPIRITUAL TINGUI													
3º Trimestre de 2015													
Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Tingui	Bacacheri	Grupo	36	10	28%	25	69%	0	0%	0	0%	0	0%
Eliezer Maciel da Silva	Guarani	Igreja	107	26	24%	19	18%	16	15%	8	7%	3	3%
	Planalto, Colombo	Igreja	147	15	10%	20	14%	24	17%	4	3%	1	1%
	Tingui	Igreja	395	46	12%	0	0%	22	6%	0	0%	0	0%
	Vila Esperança	Igreja	53	18	34%	8	15%	17	32%	9	17%	7	13%
	Vila Liberdade	Grupo	100	11	11%	13	13%	12	12%	8	8%	4	4%
	Vila Yara	Grupo	30	10	33%	20	67%	10	33%	0	0%	0	0%
Total no Distrito:			868	136	16%	105	12%	101	12%	29	3%	15	2%

REALIDADE ESPIRITUAL
TUNAS DO PARANÁ

3º Trimestre de 2015

Geral													
	Igreja		Membro		%		%		%		%		%
Tunas do Paraná	Adrianópolis	Grupo	36	9	25%	4	11%	9	25%	1	3%	2	6%
Marcio Ferreira Almeida	Bocaiúva do Sul	Igreja	78	22	28%	22	28%	16	21%	11	14%	9	12%
	Jardim Monte Castelo	Igreja	85	38	45%	16	19%	44	52%	26	31%	12	14%
	Tunas do Paraná	Grupo	34	6	18%	4	12%	6	18%	2	6%	3	9%
	Vila Plumbum	Grupo	19	8	42%	3	16%	7	37%	0	0%	0	0%
Total no Distrito:			252	83	33%	49	19%	82	33%	40	16%	26	10%

Apêndice B

APRESENTAÇÕES EM POWERPOINT

TEMA 1: MATHETES

A ideia de ir e fazer mathetes, é a de transmitir uma mensagem a um receptor que esteja inclinado a aprender e permanecer com ele, até o ponto em que este já está preparado para repassar o conhecimento adquirido a outra pessoa.

MATHETES
MISSIONAL

Discipulado
Capacidade para pastores - Tema 1

99%
dos cristãos

jamais
acompanham
um novo converso

“

Essa é uma das maiores debilidades de nossas igrejas, manter o novo converso ativo e motivando-o.

”

Mathetés



- A palavra discípulo está muito ligado com a ideia de ensinar e aprender
- Esta palavra vem do original grego Mathetés
- um aprendiz ou aluno ligado a um mestre ou movimento.

Discípulo



- O discípulo não era apenas um aluno, mas um adepto.
- Um discípulo imita seu mestre para, finalmente, ser como o seu mestre.

Crescimento



- Após o processo de aceitação da verdade bíblica a maturação deve ser acompanhada de um processo de crescimento.

Discipulado Cristão



- O "discipulado Cristão é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos
- O aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros.

Relacionamento



- Discipulado não é apenas ministrar estudos ou corrigir lições respondidas pelo discipulando.
- Discipulado é companheirismo, acompanhamento, amizade e apoio.

Discipulado missional



- Cada cristão devia ser um evangelista.
- Nossa missão é dar testemunho de Cristo.
- Cabe a cada um nós avaliarmos nosso serviços e esforço para servir, amar e salvar o ser humano.

“

*Todo verdadeiro discípulo nasce
no reino de Deus como um
missionário*

”

TEMA 2: METANÓIA E O DISCIPULADO



METANÓIA
CADA UM SALVANDO UM

Discipulado
Capacitação para pastores - tema 2

As mudanças de paradigma de uma visão de igreja na USB



- Uma igreja humana e quão relevante são suas realizações.
- Uma igreja focada nas pessoas, uma igreja iminentemente profética e descentralizadora.
- Uma igreja que evita repetição artificiosa e o voluntarismo sem fundamento.

A visão USB não diz a sua igreja como eles devem viver, mas do quê eles podem viver:



- Com Comunhão diária.
- Com Relacionamento relevante na comunidade.
- Com Missão aos perdidos.
- De maneira autóctone, sem lamentações, imobilismo, pessimismo ou medo.

1. De uma igreja autorreferencial para uma igreja da comunidade:



- Precisamos de uma, essencialmente missional, centrada no evangelho.
- precisamos de uma igreja mais próxima da realidade da cidade.

2. De uma igreja alfândega a uma igreja samaritana:



- precisamos de uma igreja-mestra, que só se legitima quando respaldada pelo testemunho.
- A vocação e a missão da Igreja se dá pelo exercício da misericórdia na comunidade.
- “uma igreja com portas abertas”

3. De uma igreja fechada na sala pastoral e de reuniões a uma igreja acidentada por sair às ruas:



- Uma igreja que não sai de si mesma adoece.
- uma igreja que sai às ruas pode sofrer um acidente
- deve ir em direção às fronteiras, e não envernizá-las e domesticá-las”.
- Um processo de evangelização pautado pelo testemunho e o diálogo.

“

O perfil da liderança da visão C1S1 é descentralizado, anticlerical, destituído de prestígio e poder, aponta sim, para uma igreja de líderes com cheiro de ovelha, para uma igreja toda ela ministerial, autóctone, profética, samaritana. Está aí o desafio de re-imaginar a igreja, na verdade, de re-imaginar a você mesmo!

”

TEMA 3: O DISCIPULADO NA COMUNIDADE

DISCIPULADO
EM COMUNIDADE

Discipulado
Capacitação para pastores - tema 3



Discipulado em comunidade



- Jesus expandiu a visão da comunidade para além de um lugar específico de adoração e o trouxe para o seio da sociedade.
- O evangelho transcendeu as paredes da igreja, para chegar à intimidade das pessoas.

Discipulado em comunidade



- o *discipulado em comunidade* tem um *importante peso de influência* e o termo chave para fortalecer esta mudança é a palavra *relacionamento*.
- O mundo moderno tem aparentemente tudo, menos relacionamentos autênticos.

Discipulado em comunidade



- Pesquisas apontam que o número de pessoas que apostatam da fé está cada vez mais alto.
- Essas mesmas pesquisas mostram que o fator de maior peso para a apostasia é o relacionamento.

Discipulado em comunidade



- Deus nos convida a um relacionamento com Ele, com os outros e com o mundo.
- Isso é sistematizado pela igreja através do processo de discipulado que a sustenta.

Discipulado em comunidade



- COMUNHÃO com Deus.
- RELACIONAMENTO com os outros.
- MISSÃO com o mundo.

O evangelho transcendeu
as paredes da igreja

O pastoreio
se tornou **mais
próximo, eficaz**



“

Nossa missão é ajudar o perdido a ser salvo, o membro a se tornar discípulo e o líder formal em um ministro.

”

TEMA 4: A AGENDA



Discipulador

- Somos pastores discipuladores, As demais coisas são pontuais, sem efeitos futuros no todo da igreja.
- O que você faz que reforça um perfil discipulador?



The slide has a dark red header with the title 'Discipulador'. The main content area is white with a red border. It contains two bullet points and an icon of three stylized human figures in blue, orange, and green, standing on a circular base.

A agenda 80/20

- Você dedica 80% do seu tempo para a formação de discípulos do seu distrito e 20% para as outras coisas.



The slide has a dark red header with the title 'A agenda 80/20'. The main content area is white with a red border. It contains one bullet point and an icon of a pie chart with a 20% slice removed, showing a person running and a group of three people.



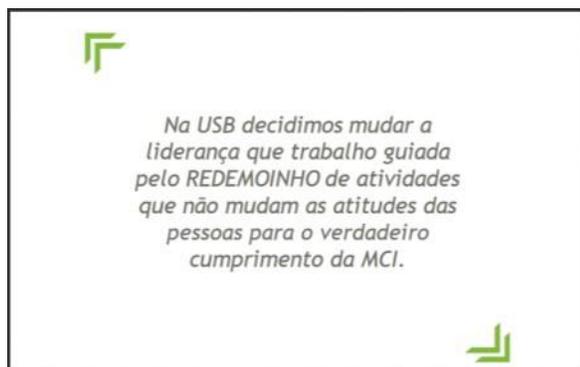
Pois que fique claro que pastores que entenderam a razão do chamado, entenderam o mandato de Mateus 28:19 - vá e **FAÇA DISCÍPULOS**.

PRÓXIMO TEMA:
A dinâmica da liderança da igreja que reflete a visão C151

cada um sabbatário | mais um discípulo.com

Projeto Gráfico: Marcos Castro | Imagens: www.freepik.com

TEMA 5: META CRUCIALMENTE IMPORTANTE



3. Pessoas se Distraem da Meta

- Todos devem conhecer as MCIs e acreditar nelas.
- É dever do líder eliminar ou minimizar distrações.
- Diga não às prioridades menos importantes.



De cima para baixo:

- um líder que impõe metas sem a abertura criativa da equipe pode ter problemas para conseguir a responsabilização e provavelmente não desenvolverá uma equipe de alto desempenho.



De baixo para cima:

- As Metas que se originam exclusivamente na igreja local, desconexa da MCI do campo, pode levar a igreja perder tempo e energia valiosos.



De cima para baixo e de baixo para cima:

- Idealmente, tanto o líder como a equipe participam da definição da MCI



Maneira prática de fortalecer a MCI com os líderes

1. Utilize o quadro comparativo da ES (Realidade Espiritual) nas reuniões administrativas da igreja
2. Dê feedbacks regulares a igreja do envolvimento no CRM (Quadro da Realidade Espiritual)
3. Alimente o conhecimento da MCI através da comunicação da igreja (impresso, web, diálogo)
4. Valorize o cartão de chamada da Escola Sabatina
5. Utilize o Placar dos Amigos Estudando a Bíblia na igreja, nas reuniões e treinamentos
6. Faça encontros de líderes que fortaleçam a visão
7. Utilize a Classe dos professores como agência catalisadora de processo de mudança
8. Pregue o feijão com arroz: CRM

COMO FAZER PARA OS LÍDERES

DE DEPARTAMENTOS FOCAREM NA MCI DA IGREJA



- MANEIRA PRÁTICA DE FORTALECER A MCI COM OS LÍDERES
1. Utilize o quadro comparativo da ES (Realidade Espiritual) nas reuniões administrativas da igreja
 2. Dê feedbacks regulares a igreja do envolvimento no CRM (Quadro da Realidade Espiritual)
 3. Alimente o conhecimento da MCI através da comunicação da igreja (impresso, web, diálogo)
 4. Valorize o cartão de chamada da Escola Sabatina
 5. Utilize o Placar dos Amigos Estudando a Bíblia na igreja, nas reuniões e treinamentos
 6. Faça encontros de líderes que fortaleçam a visão
 7. Utilize a Classe dos professores como agência catalisadora de processo de mudança
 8. Pregue o feijão com arroz: CRM



COMO FAZER PARA OS LÍDERES DE DEPARTAMENTOS FOCAREM NA MCI DA IGREJA

Defina a MCI dos departamentos de acordo com as seguintes regras >>

- REGRAS:
1. Comece com um verbo: *haja*: Cortar, aumentar, melhorar de, adicionar, lançar, crescer...
 2. Defina o ponto de partida e o ponto de chegada: de X para Y.
 3. Seja com simplicidade.
 4. Foque em "o que", e não em "como" - o como faz parte do processo seguinte (medidas de direção).
 5. Organize os principais eventos com o foco CRM.
 6. Especifique a atuação integrada dos ministérios na execução dos principais projetos da igreja.
 7. Monte junto com eles as suas MCIs.
 8. Crie uma cadeia de responsabilidade em cima das MCIs de cada ministério, tornando consciente que a execução eficaz de cada é importante para o sucesso do todo, o mesmo se aplica para o fracasso.



TEMA 6: O DISCIPULADO E A VISÃO DA IGREJA





- Deus nos convida a um relacionamento com Ele, com os outros e com o mundo.
- Isso é sistematizado pela igreja através do processo de discipulado que a sustenta. COMUNHÃO com Deus; RELACIONAMENTO com os outros; MISSÃO com o mundo.



O ponto de partida do Espírito Santo para implementar esse processo começa com você.

A missão é a razão principal da existência da comunidade de fé. Tudo deve girar em torno da missão.

Temos uma visão simples para esse programa de discipulado de líderes: Comunhão com Deus, relacionamento com os outros, missão aos perdidos.

Entender o significado bíblico, teológico e prático da missão da igreja é de vital importância para entendermos o que de fato significa Evangelizar.



- Indo pela vida das pessoas, ensinando, batizando, exercendo uma influência transformadora, construindo vínculos relacionais, o cristão vai cumprindo a ordem de "fazer discípulos".

E o que significa "fazer um discípulo"?



- É o processo comprometido em que um cristão mais maduro toma uma pessoa que não conhece a Jesus e a conduz pelo ensino transformador ao crescimento e maturidade, ajudando a descobrir seus dons e utilizá-los num ministério de serviço para o avanço e a expansão do reino de Deus.



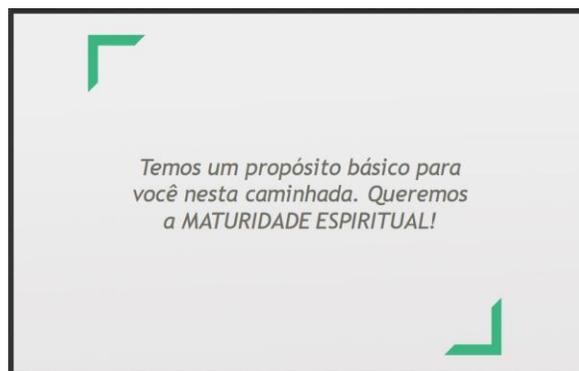
• Enquanto o discípulo aprende por um processo, o discipulador se dedica a esta pessoa como se fosse um filho.



• Não há obra que seja mais importante do que esta para a igreja.

• Nada que a igreja faça deve perder de vista o foco de fazer discípulos para cumprir a missão.

TEMA 7: O PROCESSO DO DISCIPULADO



- Visionamos pastores que vivam em comunidade missional.
- Precisamos de pastores que se conectem mas a semana toda com sua comunidade.
- Para se viver esse ideal há um preço a ser pago.



Perdido a Salvo

1. Fazendo reciclagem doutrinal dos membros
2. Tornando cada membro apto para estudar a Bíblia com os seus amigos
3. Estabelecendo centros de estudos da Bíblia [lares, igreja, auditórios, escola, etc - Classes Bíblicas]



Membro a Discípulo

1. Estabelecendo o ciclo do discipulado na igreja.
2. Formando professores que sejam co-pastores dessas classes de discipulado.
3. Encontrando o molde ministerial no corpo de Cristo para cada pessoa.
4. Levando os membros a serem ativos na COMUNHAO, RELACIONAMENTO E MISSAO.



Discípulo a Ministro

1. Desenvolvendo o grupo protótipo de formação de novos líderes
2. Tornando a experiência do mentoreamento algo regular, relacional, intencional e espiritual.
3. Encaixando a todos os novos em ministérios que sejam a necessidade do corpo de Cristo e na comunidade local.
4. Levando os membros a sentirem a responsabilidade de transformar membros em discípulos e ministros.



Plantador de igrejas

1. Implantando a visão de multiplicação de igrejas nos líderes, co-pastores, professores da Escola Sabatina, Anciãos, líderes de PG, etc.
2. Experienciando uma comunidade missional autóctone através de um projeto ousado de uma nova igreja na comunidade
3. Formando o grupo base e vivenciado a nova igreja com eles



Apêndice C

QUESTIONÁRIO DA AVALIAÇÃO

Valores				
Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

°	Items	Opções				
		1	2	3	4	5
1	A apresentação do seminário e o suporte logístico (registro, comunicação, áudio, vídeo) foram:					
2	Os temas desenvolvidos foram novos aos conhecimentos que previamente tinha e aumentaram meus conhecimentos sobre o discipulado.					
3	O horário e o tempo para as atividades foram suficientes					
4	A atenção e a metodologia foi interativa, e me permitiu escutar e expressar opiniões.					
5	Minhas práticas de liderança serão melhores depois de participar deste programa de capacitação					

Apêndice D

DECLARAÇÃO DA REALIZAÇÃO DA CAPACITAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL PARANAENSE



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Associação Central Paranaense

Sede Administrativa
Rua Dep. João Ferreira Neves, 159
Bairro Vista Alegre
CEP. 80810-300
Curitiba - PR

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS para os devidos fins que **AQUINO GONÇALVES BASTOS FILHO**, realizou no território da Associação Central Paranaense da Igreja Adventista do 7º Dia o “Programa de Capacitação para Fortalecimento do Discipulado” junto aos pastores distritais no período de março a maio de 2016.

Sem mais, subscrevemo-nos.

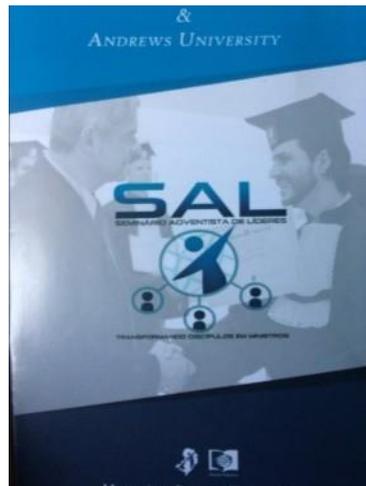
Atenciosamente,


Lourival Gomes de Souza
Presidente


Júlio Cesar Padilha
Diretor do Ministério Pessoal e Escola Sabatina

Apêndice E

FOLHETOS





PESQUISA
de Serviço a Comunidade

- 1 Você pertence à alguma igreja?
 Sim Não
- 2 Você conhece a Igreja Adventista do Sétimo Dia?
 Sim Não
- 3 Você sabe onde fica a igreja aqui no bairro/cidade?
 Sim Não
- 4 Que necessidades você tem e gostaria que a igreja as suprisse?

Apêndice F

FOTOS PGP E SAL



LISTA DE REFERÊNCIAS

- Adventist Church Management System. (2015). *ACMS – Adventist Church Management System*. Disponível em <https://sad-us-fm-1.identity.live.ws.sdasystems.org/app/account/SignIn?rparams=id%3dpHarq48Bg0myi2DedoM9iw%3bwreply%3dhttps%3a%2f%2fwww.acmsnet.org%2f%3blang%3den-US%3brp%3d2ba340ae-4041-4dde-9be2-4fb99775a75b%3bdt%3d2017-06-30+15%3a40%3a58Z%3b>
- Alves, D. (2007). *Nos passos do profeta 2*. São Paulo, SP, Brasil: Cultura do Reino.
- Andrews, A. (2010). *The kingdom life: A practical theology of discipleship and spiritual formation*. Colorado Springs, CO: NavPress.
- Armstrong, J. (2007). *O ministério pastoral segundo a Bíblia*. São Paulo, SP, Brasil: Cultura Cristã.
- Augsburger, D. W. (2006). *Dissident discipleship: A spirituality of self-surrender, love of God, and love of neighbor*. Grand Rapids, MI: Brazos Press.
- Barbosa, V. S. (2003). *Nova liderança: Paradigmas de liderança em tempos de crise*. Curitiba, PR, Brasil: Encontro.
- Barna, G., & Viola, F. (2008). *Cristianismo pagão?* São Paulo, SP, Brasil: Abba Press Editora
- Baumann, I. (2009). *Formação de discipuladores*. Curitiba, PR, Brasil: Santos Editora.
- Baumgatner, E. W. (2008). *Passaporte para a missão*. Brasília, DF, Brasil: Divisão Sul Americana.
- Bertho, G. P. (2009). *Discipulado prático*. São Paulo, SP, Brasil: Rádio Transmundial.
- Beuving, F. C. (2012). *Multiply: Disciples making disciples*. Colorado Springs, CO: David C. Cook.
- Bittencourt, E. (2013). *Comunidade Cristã Reviver Florianópolis*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YqFZgclm2_A

- Boldeau, D. G. (2014). *Developing a mentoring model, based on Christ's approach to discipleship, for intern paastors in the British Union*. Berrien Springs, MI: Andrews University.
- Bonhoeffer, D. (2016). *Discipulado*. São Paulo, SP, Brasil: Mundo Cristão.
- Bosch, D. J. (2007). *Missão transformadora: Mudanças de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo, RG, Brasil: Editora Sinodal.
- Bruce, A. B. (2012). *O treinamento dos doze*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: CPAD.
- Bueno, L. A. (2015). *O discipulado na missão da igreja*. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/discipulado/discipulado_missao.htm
- Burril, R. (2009). *How to grow an Adventist church*. Fallbrook, CA: Hart Books.
- Burril, R. (2006). *Discípulos modernos: O desafio de Cristo para cada membro da igreja*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- Cabral, E. (2009). *Josué, um líder que fez diferença*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: CPAD.
- Campanhã, J. (2012). *Discipulado que transforma: Princípios e práticas para revigorar a igreja*. São Paulo, SP, Brasil: Hagnos.
- Carvalho, D. (2015). *Relacionamento discipulador: Uma teologia da vida discipular*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Missões Nacionais.
- Chan, F. (2015). *Multiplique: Discípulos que fazem discípulos*. São Paulo, SP, Brasil: Mundo Cristão.
- Chaves, R. (2010). *Elias outra vez*. São Paulo, SP, Brasil: Cultura do Reino.
- Chester, S. T. (2011). *Igreja total: Repensando radicalmente nossa apresentação do evangelho na comunidade*. Niterói, RJ, Brasil: Tempo de Colheita.
- Clinton, P. D. (1992). *Connecting: The mentoring relationship you need to succeed in life*. Colorado Springs, CO: NavPress.
- Cress, J. A. (2010). *Common sense ministry multiplied*. Oshawa, CA: Pacific Press Publishing Association.
- Davidson, F. (1997). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo, SP, Brasil: Vida Nova.
- Dever, M. (2004). *Nueve marcas de una iglesia saludable*. Washington, DC: 9Marks.

- Divisão Sul-Americana da IASD. (2009). *Voto 2009-008 12/02/2009, comissão de survey*.
- Dusilek, N. G. (1996). *Liderança cristã*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: JUERP.
- Dybdahl, J. L. (1994). *The abundant life bible amplifier, exodus*. Ontario, Canada: Pacific Press Publishing Association.
- Engen, C. V. (2008). *Povo missionário, povo de Deus*. São Paulo, SP, Brasil: Vida Nova.
- Evans, T. (2005). *A igreja gloriosa de Deus*. Belo Horizonte, BH, Brasil: Editora Motivar.
- Ferreira, N. S. (2011). *Proposed solution to the problem of member retention for the South São Paulo Conference*. Berrien Springs, MI: Andrews University.
- Filho, J. M. (2011). *Mais que admirador, discípulo: Doze características do discípulo de Cristo*. Londrina, PR, Brasil: Descoberta.
- Fontana, J. (2009). *Discipulado*. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/discipulado.pdf>
- Godinho, P. S. (2013). *A dinâmica do evangelismo pessoal: Um ministério que transforma vidas*. Maringá, PR, Brasil: Editora Massoni.
- Grupo APSE Brasil. (2015). *Relatório de perfil de potencial e desempenho: Pastores associação central paranaense*. Curitiba, PR, Brasil.
- Horton, M. (2011). *The Gospel commission*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Hull, B. (2006). *The complete book of discipleship*. Colorado Springs, CO: NavPress.
- Hunter, J. C. (2006). *Como se tornar um líder servidor*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Sextante.
- Igreja Bíblica do Brasil. (2014). *Discipulado*. Disponível em <http://www.ibbjf.org/discipulado>
- Kidder, J. S. (2011). *The big four: Secrets to a thriving church family*. Hagerstown, MD: Review and Herald.
- Kivitz, E. R. (2012). *Talmidin, o passo a passo de Jesus*. São Paulo, SP, Brasil: Mundo Cristão.
- Kuhn, W. (2008). *Integrando beneficência social e desenvolvimento na missão de Deus*. Cachoeira, BA, Brasil: CePLiB.

- Marriner, K. T. (2016). *Following the Lamb: The theme of discipleship in the book of Revelation*. Eugene, OR: Wipf&Stock.
- Melbourne, B. L. (2007). *Called to discipleship: Lessons from the life of Jesus*. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association.
- Mindel, N. (2014). *Elijah and Elisha*. Disponível em http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/111915/jewish/Elijah-And-Elisha.htm
- Montosa, R. (2011). *Portal do pastor*. Disponível em <http://portaldopastor.blogspot.com.br>
- Moore, R. (2012). *Making disciples: Developing lifelong followers of Jesus*. Ventura, CA: Regal.
- Norton, R. (2001). *La persuasión cristiana: El arte de ganar almas*. Berrien Springs, MI: Kerigma.
- Norton, R. (2011). *Cómo alcanzar el mundo hoy*. Florida, Buenos Aires, Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana.
- Ogden, G. (2010). *Elementos essenciais do discipulado*. São Paulo, SP, Brasil: Editora Vida.
- Ott, C. (2004). *Treinando obreiros*. Curitiba, PR, Brasil: Editora Esperança.
- Pereira, J. D. (2012). *Um projeto de revitalização para a igreja local*. Disponível em <http://ministrovirtual.blogspot.com/2012/10/um-projeto-de-revitalizacao-para-igreja.html>
- Phillips, K. (2008). *A formação de um discípulo*. São Paulo, Brasil: Editora Vida.
- Prefeitura Municipal de Curitiba. (2017). *Encontra Paraná*. Disponível em <http://www.encontraparana.com.br>
- Putman, D. (2008). *Breaking the discipleship code*. Nashville, TN: B&H.
- Reis, G. J. (2012). *O pastor e o discipulado*. Disponível em http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_34/artigos/243.pdf
- Risse, R. (2008). *Discipulado no contexto da igreja local*. Anápolis, GO, Brasil: Missão Novas Tribos do Brasil.
- Rudman, R. Z. (2013). *Transition of leadership*. Disponível em <http://www.aish.com/jl/b/chumash/Chumash-Themes-23-Transition-of-Leadership-Moses-to-Joshua.html>

- Ryu, J. H. (2014). *Equipping church members for contextualized discipleship in Osaka Central Seventh Day Adventist Church West Conference Japan*. Berrien Springs, MI: Andrews University.
- Scazzero, P. (2009). *Una iglesia emocionalmente sana*. Miami, FL: Editora Vida.
- Schwarz, C. A. (2010). *O crescimento natural da igreja*. Curitiba, PR, Brasil: Esperança.
- Silva, R. A. (2016). *Falando a igreja*. Disponível em <http://www.falandoaigreja.com.br/os-10-valores-essenciais-do-lider/#more>
- Solis, D. (2014). *El discipulado: Guía de estudio da la Biblia*. Florida, Buenos Aires, Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana.
- Souza, M. (2011). *Eu discípulo?* São Paulo, SP, Brasil: Agape.
- Stott, J. (2011). *O discípulo radical*. Viçosa, MG, Brasil: Editora Ultimato.
- Suárez, A. S. (2013). *Nos passos do Mestre: A essência do discipulado bíblico*. Tauí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- Swavely, H. L. (2011). *A revitalização da sua igreja segundo Deus*. São Paulo, SP, Brasil: Cultura Cristã.
- Uniao Sul Brasileira da IASD. (2014). *Sistema de relatório*. Curitiba, PR, Brasil: USB.
- Uniao Sul Brasileira da IASD. (2015). *Cada um salvando um*. Curitiba, PR, Brasil: USB.
- White, E. G. (2014). *Serviço cristão*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2013). *Testemunho para a Igreja*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2012a). *O grande conflito*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2012b). *Patriarcas e profetas*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2005). *O Desejado de todas as nações*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2004). *Conselhos sobre escola sabatina*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2002). *Testemunhos para a igreja (Vol. 6)*. Tatuí, SP, Brasil: Casa Publicadora Brasileira.

Wraight, D. (2012). *O impacto do reino*. Brasília, DF, Brasil: Palavra..

CURRICULUM VITAE

Nome: Aquino Gonçalves Bastos Filho
Lugar e data de nascimento: Breves, 07 de novembro de 1970
Ordenação ao ministério: 2001
Esposa: Vanuza Monteiro dos Santos Bastos
Filhas: Maéli e Maressa

Educação:

1993-1996 Bacharelado em Teologia Bíblica no SALT IAENE – Brasil
2006 -2010 Mestrado em Teologia Pastoral no SALT IAENE - Brasil
2012 – Início do doutorado na Andrews University – Doctor in Ministry

Experiência:

1997-1999 Capelão e professor de Religião no Instituto Adventista Grão Pará em Belém, União Norte Brasileira.
1999-2001 Pastor distrital em Rondon do Pará na Associação Baixo Amazonas na União Norte Brasileira
2002-2004 Departamental do Ministério Jovem, Lar e Família e Comunicação na Associação Sul do Pará na União Norte Brasileira.
2004 -2006 Departamental do Ministério Jovem, Secretário Ministerial e Secretário Executivo na Associação Maranhense na União Norte Brasileira
2007 Departamental do Ministério Jovem, Secretário Ministerial e Mordomia Cristã na União Peruana do Sul.
2008-20011 Departamental do Ministério Jovem, Comunicação e Lar e Família União Norte Brasília
2012 Departamental de Mordomia Cristã na Associação Peruana Central Sul na União Peruana do Sul – Peru
2013 Secretário Ministerial e Departamental de Mordomia Cristã na União Peruana do Norte – Peru
2014 – 2016 Departamental do Ministério Pessoal e Escola Sabatina na Associação Central Paranaense - Brasil